

REALIZAÇÃO



IFCH



CAE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ



IPH



INSTITUTO AURORA

# ANAIS DO 1º

# SIMPÓSIO AMAZÔNICO DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A ABORDAGEM  
CENTRADA NA PESSOA NA AMAZÔNIA



**15, 16 e 17**  
DE NOVEMBRO DE 2023



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ



  
**Quipá**  
Editora

**ANAIS DO 1º SIMPÓSIO AMAZÔNICO DA  
ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA**



PATRÍCIA DO SOCORRO MAGALHÃES FRANCO DO ESPÍRITO SANTO  
HIAN SOARES TEIXEIRA  
(ORGANIZADORES)

**ANAIS DO 1º SIMPÓSIO AMAZÔNICO DA  
ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA**

1ª Edição

Quipá Editora  
2024

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A532 Anais Do 1º Simpósio Amazônico Da Abordagem Centrada Na Pessoa. / Organizado por Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo e Hian Soares Teixeira...[et al.]. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2024.

62 p. : il.

ISBN 978-65-5376-334-0

1. Psicologia. 2. Psicoterapia. II. Título.

CDD 616.8914

---

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada pela Quipá Editora em maio de 2024

Quipá Editora  
www.quipaeditora.com.br  
@quipaeditora

## **REALIZAÇÃO**

GEACP – Grupo de Estudos e Extensão em Abordagem Centrada na Pessoa | @geacpufpa

## **APOIO**

UFPA – Universidade Federal do Pará  
IFCH/UFPA – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
ILC/UFPA – Instituto de Letras e Comunicação  
NTPC/UFPA – Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento  
CAIS – Laboratório de Críticas por Ações e Estudos com as Subjetividades  
IPH – Instituto de Psicologia Humanista de Belém  
CAPSI – Centro Acadêmico de Psicologia Nise da Silveira  
CAPSIC – Centro Acadêmico de Psicologia do CESUPA  
Instituto Aurora

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo (Coordenadora Geral)  
Hian Soares Teixeira (Coordenador Adjunto)  
Ana Cristina Freire de Oliveira  
Ana Caroline Soares de Oliveira  
Carolina da Natividade Rodrigues Correa  
Larissa Ferreira Vago  
Menkell Souza Rodrigues  
Daniel Castro Silva  
Matheus Venicio da Silva Fontenele  
Maria Eduarda de Pinho Oliveira  
Janaina Benjamim Monteiro  
Joyce Maria Vanzeler Gonçalves  
Naeli do Nascimento Rocha da Luz

## **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo (UFPA)  
José Alves de Souza Filho (UFPA)  
Márcia Elena Botelho Soares (UFPA)  
Dorotéia Albuquerque de Cristo (UNAMA)  
Daniel Castro Silva (ESMAC)  
Fernanda Teixeira de Barros Neta (UNINASSAU)  
Márcio Bruno Barra Valente (Estácio)  
Amanda Pereira de Carvalho Cruz (UNIFAMAZ)  
Beatriz Rodrigues Nascimento (FAAM)  
Zakiee Castro Murragef Hage (CESUPA)

## APRESENTAÇÃO

A Abordagem Centrada na Pessoa, sistema teórico desenvolvido pelo psicólogo Carl Rogers, é uma das quatro teorias que integram os componentes curriculares de ênfase clínica ofertados na graduação em psicologia da Universidade Federal do Pará, configuração análoga em grande parte das faculdades particulares da região metropolitana de Belém. Além disso, essa teoria também aparece no projeto político pedagógico ou projeto pedagógico do curso de diversas outras instituições de ensino superior da região amazônica, conforme levantamento preliminar realizado. Dessa forma, a oferta do estudo e de estágios clínicos orientados por essa abordagem promove uma formação mais sólida aqueles psicólogos que se utilizam desta teoria como base para sua atuação profissional nesses territórios.

Entretanto, diferentemente de outras regiões brasileiras, a comunidade acadêmica, científica e profissional “centrada na pessoa” da região norte não consolidou a realização de fóruns, congressos ou eventos periódicos que reúnam os estudantes e profissionais que a compõem. Assim, as redes de profissionais restringiram-se aos circuitos universitários e a poucos institutos que oferecem cursos de formação, de forma que tais redes existem, porém de forma fragmentada e desconexa a nível regional. Destacam-se iniciativas de organizar encontros e fóruns da região norte que congregasse psicólogos dessa afiliação, mas tais tentativas perderam a continuidade ao longo dos anos.

Assim, a organização e realização do Simpósio Amazônico da Abordagem Centrada na Pessoa busca intervir nesse cenário, objetivando o fortalecimento da comunidade centrada na pessoa que atua na região norte. Seu objetivo geral é o de promover a discussão e o debate sobre as práticas psicológicas orientadas pela abordagem centrada na pessoa realizadas no contexto amazônico. Destacam-se como objetivos específicos: 1) sistematizar novos conhecimentos, contemplando os povos e conhecimentos tradicionais nessa linha teórica; 2) promover a leitura crítica dos fundamentos teóricos e epistemológicos da abordagem a partir da realidade histórico-sócio-cultural e ambiental da região; 3) incentivar a produção científica de forma ética e comprometida com os territórios de origem dos pesquisadores; e 4) viabilizar a construção de redes solidárias e da comunidade acadêmica, científica e profissional da abordagem centrada na pessoa do norte do país, engajada com o compromisso ético-político da profissão e a ética das relações humanas proposta pela abordagem.

Para assumir uma empreitada destas, são necessárias várias mãos e o apoio de diversas organizações. Entretanto, o Grupo de Estudos e Extensão na Abordagem Centrada na Pessoa (GEACP/UFPA), sediado na Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA),

assumiu o compromisso e a responsabilidade de organizar este evento, coordenado pela Profa. Dra. Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo. Dessa forma, o grupo constituiu a coordenação geral da comissão organizadora do evento, visando dar o primeiro passo de reunir essa comunidade, que deve se autogerir, na expectativa de que, futuramente, outros grupos e instituições venham somar na construção do evento.

Fundado em 2018, o então Grupo de Estudos em Abordagem Centrada na Pessoa (GEACP/UFPA) reuniu, ao longo dos anos, diversos estudantes de psicologia da Universidade Federal do Pará, que tinham em comum o interesse e a vontade de aprofundar seus estudos na Abordagem Centrada na Pessoa. Ao longo dos anos, o grupo estudou obras imprescindíveis para a formação em psicologia humanista, organizou jornadas acadêmicas e inclusive realizou grupos de estudo online durante a Pandemia da Covid-19. Entretanto, em 2023, preocupando-se com a formação profissional e o compromisso ético, político e social de uma psicologia brasileira e amazônica, o grupo de estudos também tornou-se um grupo de extensão e idealizou a realização deste evento.

Além da coordenadora e dos estudantes do grupo, outros professores da instituição e de outras instituições também somaram na organização do evento, notadamente na comissão científica. Também contamos com a colaboração do CAIS – Laboratório de Críticas por Ações e Estudos com as Subjetividades, coordenado pelo Prof. Dr. José Alves de Souza Filho; e do IPH – Instituto de Psicologia Humanista de Belém, coordenado pela Profa. Ma. Elizabete Monteiro e pela Profa. Socorro Maués. Por fim, também iniciamos a organização deste evento com o apoio institucional do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Pará, além do Centro Acadêmico de Psicologia da mesma instituição.

Conforme as deliberações internas do GEACP/UFPA, o evento foi planejado inicialmente para se realizar em três dias de forma híbrida, realizando-se a conferência de abertura de forma online, por meio de plataforma de videoconferências, e as demais atividades de forma presencial no Auditório do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará e em instalações do referido instituto. Também se escolheu o período de 15 a 17 de novembro de 2023 para se realizar as atividades do simpósio, considerando o tempo hábil para a organização e a proximidade ao feriado. Além disso, o tema foi selecionado pela comissão organizadora visando atender aos objetivos do evento, ou seja, proporcionar o debate sobre a Abordagem Centrada na Pessoa no território amazônico.

Ademais, a programação do evento foi composta por conferências, que consistem em palestras ministradas por um convidado experiente no tema de interesse; mesas redondas, que se tratam de reuniões para debate e troca de experiências entre especialistas de um determinado tema;

oficinas, caracterizadas como atividades mais práticas visando a formação de seus participantes; e apresentações de trabalhos científicos, em formato de comunicação oral. Assim, iniciamos o primeiro dia de evento com apresentações de trabalhos, de forma remota, com a mesa redonda “Experiências na Universidade Federal do Pará”, que contou com a participação dos professores José Alves, Márcia Soares e Patrícia do Espírito Santo, e com a conferência de abertura “ACP em Terras Tucujus: reflexões sobre a prática acepista no Amapá”, ministrada pelo psicólogo Melchisedech Neto.

No segundo dia, primeiro de atividades presenciais, tivemos as mesas redondas “Formação do Psicólogo na Amazônia: desafios e potencialidades para uma prática centrada na pessoa”, composta pelos professores Dorotéa Cristo, José Alvez e Zakiee Hage, e “Atenção Psicossocial Centrada no Território”, com a participação dos professores Antônio Soares Júnior, Fernanda Teixeira Neta e Jhonathas Reis. Em seguida, finalizamos o dia com comunicações orais e a mesa redonda “Gênero, Corpo e Política nas Relações Terapêuticas”, facilitada pelas professoras Amanda Cruz, Patrícia do Espírito Santo e Thamiris Arraes.

No terceiro e último dia, iniciamos com a conferência “Desafios Atuais para o Ensino da Abordagem Centrada na Pessoa na Amazônia”, ministrada pelas professoras Patrícia do Espírito Santo e Amanda Cruz. Além disso, foi realizada mais uma sessão de comunicações orais e foram realizadas três oficinas vivenciais: 1) Artes Expressivas Centradas na Pessoa: criando possibilidades para o crescimento pessoal grupal, ministrada pelo professor Antônio Soares Júnior; 2) Focalização: a arte de escutar os sentidos do corpo, ministrada pela professora Márcia Soares; e 3) Escuta Humanista sobre Experiências Amazônicas, utilizando a metodologia de processadores circulares da justiça restaurativa, facilitada pela psicóloga Socorro Maués. Por fim, o encerramento do evento foi realizado na beira do rio que margeia a universidade com uma roda de dança circular, focalizada pela professora Lorena Schalken.

Concluimos este primeiro simpósio com a publicação de seus anais, compartilhando a rica produção científica que reunimos em nosso evento. Destacamos que todos os resumos foram avaliados cegamente por uma dupla de pareceristas, membros da comissão científica, e que as divergências foram encaminhadas a um terceiro parecerista. Por fim, compartilhamos os eixos temáticos da submissão dos trabalhos:

**Epistemologia, desenvolvimento histórico e atravessamentos filosóficos** – Este eixo inclui os estudos no campo da história da psicologia, da epistemologia e dos debates filosóficos que atravessam a abordagem, como as bases do pensamento rogeriano e o seu desenvolvimento no território brasileiro, em especial amazônico; contempla o diálogo com as filosofias existenciais e fenomenológicas; também aceita trabalhos que tratam sobre a pesquisa e metodologia científica.

**Atenção psicológica e práticas clínicas centradas na pessoa** – Trata das intervenções terapêuticas amparadas no referencial teórico da abordagem, como a psicoterapia, o aconselhamento psicológico e o plantão psicológico, entre outras; dialoga com a saúde mental e com os dilemas da contemporaneidade; além disso, também inclui os trabalhos sobre a formação em psicologia.

**Clínica ampliada e contribuições para o contexto amazônico** – Aborda experiências e pesquisas críticas que abordam a realidade amazônica com o enfoque e referencial teórico da abordagem; estabelece diálogos com os territórios amazônicos e com as políticas públicas, como as de atenção à saúde, atenção psicossocial e assistência social, além de políticas para comunidades tradicionais e povos indígenas.

**Relações humanas e coletividade: ética, política, educação, grupos, família e administração** – Neste eixo, pretende-se abordar os estudos que tratam do alcance do pensamento rogeriano para além da psicologia, dialogando com a teoria das relações humanas e sua aplicação em contextos não clínicos e/ou coletivos; ademais, este eixo também aborda o compromisso ético-político e social do psicólogo humanista em interface com os direitos humanos e inclui as concepções de poder pessoal e o diálogo com as ciências sociais.

Belém, 14 de março de 2024.

Hian Soares Teixeira

*Universidade Federal do Pará*

Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo

*Universidade Federal do Pará*

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

### RESUMOS EXPANDIDOS

#### **A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA COMO FACILITADORA DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL 14**

Gabriela Machado Vilhena  
Ana Flávia Dias da Silva  
Zakiee Castro Mufarrej Hage

#### **O PAPEL DO ALUNO OBSERVADOR NO PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 17**

Renata Pires Eustachio Maradei Pereira  
Zakiee Castro Mufarrej Hage  
Amanda Gabriele Oliveira de Medeiros

#### **ATENDIMENTO DE USUÁRIO DE DROGAS: DESAFIO E POSSIBILIDADES NO PLANTÃO PSICOLÓGICO 20**

Rafael Ferreguete Crispino  
Zakiee Castro Mufarrej Hage

#### **PLANTÃO PSICOLÓGICO E O ACOLHIMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE SOBRECARGA EMOCIONAL 23**

Ingrid Lopes de Moraes  
Líria Jordana da Silva Almeida  
Zakiee Castro Mufarrej Hage

#### **O ACOLHIMENTO EM CONFLITOS INTERNOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PLANTÃO PSICOLÓGICO 26**

Marina Beatriz Vieira Ribeiro  
Ana Gabriela Damasceno Faria  
Zakiee Castro Mufarrej Hage

#### **PLANTÃO PSICOLÓGICO CENTRADO NA PESSOA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO 29**

Ana Flávia Dias da Silva  
Gabriela Machado Vilhena  
Zakiee Castro Mufarrej Hage

**ATITUDES FACILITADORAS EM CONTEXTO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO CENTRADO NA PESSOA** 33

Gabriela Machado Vilhena  
Ana Flávia Dias da Silva  
Zakiee Castro Mufarrej Hage

**IDEAÇÃO SUICIDA NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA** 36

Ana Flávia Dias da Silva  
Gabriela Machado Vilhena  
Zakiee Castro Mufarrej Hage

**DESAFIOS NO ATENDIMENTO A CLIENTES COM IDEAÇÃO SUICIDA NO PLANTÃO PSICOLÓGICO** 39

Hian Soares Teixeira  
Rayanne Castilho Mesquita  
Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo

**EXPERIÊNCIA SER/ESTAR DOENTE DOS PACIENTES DE UM HOSPITAL DE REFERÊNCIA NO PARÁ** 42

Denise Raissa Lobato Chaves  
Bianca Nascimento de Souza

**RELAÇÃO TERAPÊUTICA NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E NA GESTALT-TERAPIA** 46

Carolina da Natividade Rodrigues Correa  
Hian Soares Teixeira  
Maria Clara Leão de Oliveira  
Lorena Schalken de Andrade  
Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo

**VERSÃO DE SENTIDO, CLÍNICA ESCOLA E ACP: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA** 49

Camila Acácio Moura  
Amanda Pereira de Carvalho Cruz

**RESUMOS SIMPLES**

**CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA A TERAPIA COMUNITÁRIA 53**

Ana Cristina Freire de Oliveira  
Matheus Venicio da Silva Fontenele  
Ana Carolina Oliveira Soares  
Hian Soares Teixeira  
Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo

**PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM SUPORTE HUMANISTA PARA A AUTONOMIA 54**

Nicolle de Rocha Esteves Brandão  
Ana Paula Monteiro Barros  
Milena Moreira Nobre  
Zakiee Castro Mufarrej Hage

**RODA DE CONVERSA SOBRE SAÚDE MENTAL NO ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA 55**

Ana Cristina Freire de Oliveira  
Hian Soares Teixeira  
Matheus Venicio da Silva Fontenele  
Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo

**ANÁLISE DE CASOS CLÍNICOS EM PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA 56**

Ana Caroline Oliveira Soares  
Hian Soares Teixeira  
Carolina da Natividade Rodrigues Correa  
Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo

**AS CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL 57**

Naeli do Nascimento Rocha da Luz  
Matheus Venicio da Silva Fontenele  
José Alves de Souza Filho

**PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 58**

Daniel Castro Silva  
Bruna Moraes Leite  
Hian Soares Teixeira  
José Alves de Souza Filho

**PLANTÃO PSICOLÓGICO E QUEIXAS DE RELACIONAMENTOS AMOROSOS 59**

Matheus Venicio da Silva Fontenele  
Hian Soares Teixeira  
Naeli do Nascimento Rocha da Luz  
Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo

**CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA A SUPERVISÃO NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA 60**

Matheus Venicio da Silva Fontenele  
Hian Soares Teixeira  
José Alves de Souza Filho

**ESCUITA DE ADOLESCENTES NA PRÁTICA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 61**

Beatriz Vitória Leite Santos  
Rosivane Pompeu Gonçalves Araújo  
Elizabete Cristina Monteiro Ribeiro

**AVALIAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE RISCO NO PLANTÃO PSICOLÓGICO 62**

Daniel Castro Silva  
Hian Soares Teixeira  
Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo

**RESUMOS EXPANDIDOS**

**SIMPÓSIO AMAZÔNICO DA ABORDAGEM  
CENTRADA NA PESSOA**

## **A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA COMO FACILITADORA DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL**

**Gabriela Machado Vilhena**

Graduanda do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará - CESUPA

**Ana Flávia Dias da Silva**

Graduanda do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará - CESUPA

**Castro Mufarrej Hage**

Docente do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará - CESUPA

**Introdução:** O envelhecimento é uma realidade global que perpassa e transforma a estrutura de diversas sociedades, sendo esta, caracterizada como um processo biológico, psicológico e social inerente à experiência humana (Chiaretto, 2021). Nesse sentido, Tavares et al (2017) destacam o processo do envelhecimento humano como um fenômeno marcado pelo esgotamento de reservas do organismo que resulta no aumento significativo na suscetibilidade à doenças e na redução da capacidade física e mental. Desta forma, cabe ressaltar que o envelhecimento é uma jornada única e singular, repleta de manifestações próprias de cada indivíduo que a enfrenta. O entendimento do processo de envelhecimento humano adquire variadas interpretações dependendo dos contextos sócio-históricos e políticos, particularmente em sociedades específicas, como é o caso do Brasil. Nesse contexto, é possível afirmar que esse processo é moldado pelas interações sociais que determinam o valor que será associado a grupos e setores específicos (Escorsim, 2021). Conseqüentemente, fica claro que o processo de envelhecimento é uma jornada singular, caracterizada por manifestações que são distintas para cada indivíduo que a atravessa. Em contraste com a perspectiva ultrapassada que associa o envelhecimento à incapacidade, inutilidade e declínio em diversos aspectos, Romani (2020) destaca que essa fase da vida é frequentemente vista de forma negativa, acompanhada pelo receio de envelhecer. Contudo, é fundamental reconhecer a diversidade das experiências no processo de envelhecimento e a possibilidade de uma vida gratificante, mesmo durante essa fase. Nesse sentido, é crucial enfatizar não apenas o ato de envelhecer, mas sim a importância de envelhecer de maneira saudável. Conforme o relatório da OMS (2015, p. 4) destaca, o envelhecimento saudável é definido como um "processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar na idade avançada". Este conceito não implica a mera ausência de doença, mas sim a congruência com o que é significativo para a pessoa que está passando por esse processo (Mendes, 2020). A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), lente teórica deste resumo, é fruto do trabalho desenvolvido por Carl Rogers, ao longo de sua carreira na Psicologia, utilizando a compreensão e valorização da experiência vivida pelo cliente. p Nesse contexto, considerando que o envelhecimento é um processo contínuo, natural e multifacetado, a ACP emerge como uma perspectiva teórica facilitadora do processo de envelhecimento saudável, visto que, valoriza a autonomia, a autenticidade e a autorrealização como essenciais do processo terapêutico, princípios que podem ser valiosos para os idosos (Giacomina & Wanderley, 2010). Além disso, os profissionais centrados na pessoa precisam desenvolver uma compreensão única da

experiência de envelhecer e questionar seus próprios preceitos em relação às perspectivas desses clientes (Humboldt & Leal, 2018). O objetivo deste resumo são de aprofundar a compreensão da Abordagem Centrada na Pessoa como facilitadora do processo de envelhecimento saudável, considerando aspectos subjetivos desta temática. **Discussão:** O envelhecimento da população é uma tendência global que tem implicações abrangentes nas esferas social e de saúde pública. Nesse contexto, a OMS destaca que a idade avançada frequentemente acarreta transformações significativas que vão além das perdas biológicas. Essas mudanças abrangem modificações nos papéis e status sociais, além da necessidade de lidar com a perda de relações próximas. Portanto, é imperativo olhar a temática de forma sensível, reconhecendo as particularidades do sujeito em processo de envelhecimento. Levando em conta que a Abordagem Centrada na Pessoa valoriza o indivíduo como centro de sua própria jornada de envelhecimento saudável, enfatizando, principalmente, o respeito à autonomia, dignidade e escolhas da pessoa idosa, promovendo a sua participação ativa em seu próprio cuidado e das decisões relacionadas a si mesmo. Ao valorizar a individualidade e as necessidades do processo de envelhecimento, a ACP contribui para um envelhecimento mais satisfatório, melhorando a qualidade de vida e o bem-estar dos idosos. É fundamental destacar que, embora este estudo teórico forneça uma base conceitual significativa, ele possui suas limitações, uma vez que essa temática é notoriamente complexa e multifacetada, dependente de inúmeros fatores psicológicos, sociais e biológicos. Um estudo teórico pode não abranger todas as sutilezas desse fenômeno que é particular da pessoa que o enfrenta. **Considerações Finais:** O presente estudo busca reforçar a Abordagem Centrada na pessoa como uma ferramenta valiosa para a promoção do envelhecimento saudável. Levando em consideração que tornar o idoso como centro de seu processo de envelhecimento é fundamental e diz respeito não somente a qualidade de vida, mas em propiciar a uma parcela da sociedade, um envelhecer de forma satisfatória. Sendo assim, a ACP e a psicologia atua como facilitadora do processo de envelhecimento saudável, permitindo, então, que o idoso possa compreender as nuances da sua vida como partes do processo, possibilitando a oportunidade de reconhecer suas potencialidades e ampliar a maneira como se enxerga, compreendendo e aprimorando seu sentido de vida, além da ressignificação da suas dores e validação de sua própria história. Além disso, a Abordagem Centrada na Pessoa desempenha um papel crucial na ressignificação das dificuldades enfrentadas e na validação da história pessoal de cada indivíduo. Portanto, é pertinente citar uma frase de Carl Rogers (2019), em seu livro “Tornar-se Pessoa”: "A vida, no que tem de melhor, é um processo que flui, que se altera e onde nada é paralisado”, na qual traz à tona que as vivências e as experiências são processos únicos, singulares e em constante evolução, assim como, considera toda o processo de experiencição vivido pelo indivíduo como importante para o envelhecimento saudável.

**Palavras-Chave:** Envelhecimento Saudável; Saúde do Idoso; Abordagem Centrada na Pessoa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Chiaretto, M. F. (2021). Sexualidade e envelhescência: caminhos, desafios e ressignificações. <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/30f127a0-9719-491c-8fea-adfff7ea9ea0/content>

Escorsim, S. M. (2021). O envelhecimento no Brasil: aspectos sociais, políticos e demográficos em análise. *Serviço Social & Sociedade*, 427-446. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.258>

Giacomini, T., & da Silva Wanderley, K. (2010). Compreendendo o idoso e sua vivência de internação hospitalar. *Revista Kairós-Gerontologia*, 13(1). <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2010v13i1p%25p>

Humboldt, S., & Leal, I. P. (2018). Desafios psicológicos num contexto de terapia centrada na pessoa: A perspectiva dos idosos. In *Actas do 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 779-786). ISPA–Instituto Universitário. [https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6289/1/12CongNacSaude\\_779.pdf](https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6289/1/12CongNacSaude_779.pdf)

Mendes, J. (2020). Envelhecimento (s), qualidade de vida e bem-estar. *A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação*, 3, 132-144. [https://www.researchgate.net/profile/Jose-Mendes-11/publication/342365705\\_Envelhecimentos-qualidade-de-vida-e-bem-estar/links/5ef12f56a6fdcc73be96b4c5/Envelhecimentos-qualidade-de-vida-e-bem-estar.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Jose-Mendes-11/publication/342365705_Envelhecimento_s_qualidade_de_vida_e_bem-estar/links/5ef12f56a6fdcc73be96b4c5/Envelhecimentos-qualidade-de-vida-e-bem-estar.pdf)

OMS (2015). *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*.

Rogers, C. R. (2019). *Tornar-se pessoa*. 8 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Romani, C. S (2020). Contribuições do sentido da vida para uma velhice bem-sucedida. <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/6875/TCC%20Caroline%20Susin%20Romani.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Tavares, R. E., Jesus, M. C. P. D., Machado, D. R., Braga, V. A. S., Tocantins, F. R., & Merighi, M. A. B. (2017). Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos: uma revisão integrativa. *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*, 20, 878-889. <https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.170091>

## **O PAPEL DO ALUNO OBSERVADOR NO PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Renata Pires Eustachio Maradei Pereira**

Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Estado do Pará-CESUPA

**Zakiee Castro Mufarrej Hage**

Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Estado do Pará-CESUPA

**Amanda Gabriele Oliveira de Medeiros**

Psicóloga técnica da Clínica de Psicologia do CESUPA

**Introdução:** O plantão psicológico tem o objetivo de ser uma escuta imediata, permitindo ao cliente, quando em relação ao plantonista, dar-se conta das possibilidades de escolha e decisão quanto às formas de prosseguir no que diz respeito a demandas imediatas que estão causando sofrimento em sua vida (Souza & Farias, 2015). Para tanto, a base teórica utilizada é a da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) que, conforme explicitado por Rogers e Kinget (1977), apresentam condições de facilitação primordiais para que tal vínculo aconteça: a autenticidade, aceitação incondicional e compreensão empática. A autenticidade diz respeito ao terapeuta conseguir transmitir de forma congruente seus sentimentos, estar em relação com o outro sem qualquer aparência forçada, para que tudo que comunique em gestos e palavras esteja de acordo com o que pensa e sente. Já na aceitação incondicional o cliente é aceito e validado pelo plantonista de forma global, independente de suas avaliações pessoais, o cliente é tratado com um profundo respeito e cuidado dando espaço para o terapeuta acessar a experiência deste sem qualquer obstáculo. E por fim, somando-se a esses conceitos anteriores, a compreensão empática que é a aproximação do mundo do cliente por parte do terapeuta, com uma atitude de compreensão profunda do outro por meio de percepção e vivência dos sentimentos do cliente, ajudando a trazer à consciência tudo o que o cliente ainda não tinha percebido. A partir disso, o desafio do plantão psicológico é acentuar ainda mais a concretização dessas condições de facilitação somado ao movimento de busca pelo atendimento por parte do cliente, potencializando o encontro, para que, mesmo uma quantidade pequena de atendimentos, possa ser suficiente para a pessoa atendida dar início a um processo de organização interna, auto compreensão e crescimento (Souza & Farias, 2015). **Objetivo:** O objetivo do presente relato consiste em apresentar a experiência do aluno observador no Plantão Psicológico, demonstrando como isso contribui para o processo de aprendizagem. **Metodologia:** O plantão psicológico começou a funcionar na clínica de psicologia de uma instituição de ensino superior, através da disciplina de Extensão com Interação Comunitária II, oferecida aos alunos do 8º período do curso de psicologia, e ocorreu no segundo semestre de 2022. Com o fim da disciplina, este foi interrompido até que o Projeto de Extensão: Plantão Psicológico, do curso de psicologia, fez nova chamada para plantonistas, desta vez do 9º semestre, para compor duas equipes de 6 e 8 acadêmicos cada e, lançando luz a uma experiência inovadora, abriu duas vagas para alunos observadores, cursando a partir do 3º período, em cada equipe. A supervisão e coordenação do projeto foi da psicóloga técnica da clínica escola de psicologia. A observação é elemento primordial da investigação científica, onde pode-se obter informações importantes que não são explicitadas através de palavras ou que muitas

vezes ficam subentendidas por comportamentos que podem surgir sem a percepção dos observados e, além disso, para o estudante de graduação em psicologia essa é uma metodologia de aprendizado que agrega grande diferencial para os estudantes iniciantes no curso e não têm outras oportunidades de conhecer a prática profissional (Benitez et al, 2014). Desta forma, do período de abril a junho de 2023, ocorreu o projeto de extensão às quartas-feiras, das 8h às 12h, e às sextas-feiras, das 14h às 18h. Os atendimentos eram gratuitos e abertos à população em geral, a partir de 18 anos. **Discussão:** Ao iniciar no curso de graduação em psicologia, a clínica é um local de grande desafio ao que tange o aperfeiçoamento, estágio, a observação e a discussão de casos visto que o sigilo é base fundamental para a relação terapeuta cliente e o setting terapêutico intransponível para estágio de observação. O projeto de extensão do plantão psicológico, com oportunidade para a participação de alunos no papel de observadores, apresentou-se como grande oportunidade para que esses tivessem uma oportunidade única de conhecer a atuação do psicólogo clínico de uma posição privilegiada para alunos de semestres iniciais. O acompanhamento dos plantões psicológicos iniciou-se com a dualidade entre empolgação pela participação de algo inteiramente novo e a incerteza sobre a aceitação pelo grupo afinal, a pergunta sobre como alunos do 3º semestre poderiam contribuir e qual seria o lugar desses onde, até então, só enxergava-se o cliente, terapeuta e a supervisora, pairava nesse início. Essas perguntas foram respondidas a medida em que houve um amadurecimento do olhar em relação aos conceitos básicos de facilitação da ACP, de autenticidade, aceitação incondicional e compreensão empática, à medida que a observação propiciou que esses se materializarem nos atendimentos vistos da sala de observação (Mahfoud, 2013). Notava-se quando o cliente percebia que estava em um lugar seguro, acolhedor e sem julgamentos para expor seus anseios, dores, expectativas e sofrimentos, e nisso pode-se observar o mesma técnica de acolhimento e validação em todos os plantonistas devido a base o plantão ser a ACP e a radicalidade do encontro cliente - plantonista ser primordial para essa disponibilidade (Tassinari & Durange, 2017). No lugar enquanto observador, na maior parte das vezes, conseguiu-se perceber não só o processo do cliente durante o atendimento e na sequência de atendimentos como também o lindo desabrochar dos plantonistas ao longo das sessões e do projeto. Nos plantonistas foi nítido um início um pouco mais inseguro, onde se apoiavam muito na sua dupla de atendimento, e com o passar dos atendimentos e supervisão foram ganhando maturidade, inclusive quando expunham seus casos para discussão. A supervisão foi fundamental para dar segurança e acolhimento aos plantonistas pois, além de discutir os casos, havia o espaço para que eles pudessem colocar como haviam se sentido no atendimento o que propiciava um olhar para dentro de si e um amparo por parte da supervisão, acolhendo e validando qualquer sentimento que possa ter surgido com as mais diversas histórias e demandas que apareciam. Os plantonistas e a supervisão tiveram papel fundamental na inclusão do observador no projeto pois houve o interesse genuíno e escuta autêntica da equipe sobre o ponto de vista da pessoa que tinha a visão de outro ângulo dos atendimentos realizados, a do observador. Dos atendimentos observados eram realizadas as transcrições para auxiliar os plantonistas, tarefa até então desconhecida pelos alunos observadores, mas que se mostrou uma experiência que fará grande diferença para os próximos desafios que virão no decorrer do curso em termos de registro de atendimentos, relatórios e as próprias transcrições em si. Essa experiência evidenciou que o papel do observador deveria ser pré-requisito básico para todo estudante de psicologia ao longo do curso. A escuta terapêutica, ativa, esclarecedora e facilitadora cria o ambiente terapêutico (Souza & Farias, 2015) e consequentemente de fundamental importância para que o profissional de psicologia desenvolva de forma minimamente adequada o trabalho em qualquer área. A partir do momento que

isso ficou claro, o aluno observador mostrou-se confortável em aprender a ouvir sem tentar encontrar lógica nem ter o objetivo de produzir sentido, apenas aproveitar a oportunidade como campo de experiência. Da sala de observação, foi possível identificar que o plantão psicológico foi ambiente fértil para muitas pessoas encontrarem o fio que dá continuidade às suas histórias e vislumbrar novas esperanças com a ajuda preciosa e atenta dos plantonistas disponíveis a indicar onde estavam as pontas soltas, assim com evidência Mahfoud (2013). Para alguns clientes bastou um atendimento, para outros foi apenas o início de uma jornada rumo à psicoterapia. Outras pessoas ainda tinham uma demanda que ia além do plantão ou psicoterapia e precisaram ser encaminhados para consulta com médico psiquiatra. Assim, independente dos encaminhamentos, todos tiveram algo em comum, ninguém que procurou o serviço de plantão psicológico saiu sem escuta e acolhimento para sua demanda emergencial. **Considerações Finais:** O projeto de extensão impactou positivamente um grande número de pessoas. Desde os plantonistas, ouvintes e a supervisora que encontraram terreno amplo e propício para crescimento e desenvolvimento profissional e pessoal assim como todas as pessoas que procuraram atendimento e o conseguiram de forma gratuita e humanizada, o que não seria possível se não houvesse o projeto.

**Palavras-chave:** plantão psicológico; aluno observador; abordagem centrada da pessoa; supervisão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benitez, P et al. (2014). Procedimentos de observação e registro: da clínica à pesquisa aplicada. In: AL., Nicodemos Batista Borges et al. Comportamento em foco 4. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental. Cap. 1. p. 7-17
- Mahfoud, M. (2013). Desafios sempre renovados: plantão psicológico. In: TASSINARI, A. et al Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa. 1.ed. Curitiba: CRV. p. 33-50.
- Rogers, C.R. & Kinget, G.M. (1977). Psicoterapia e Relações Humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva. 2.ed. Belo Horizonte: Interlivros, Vol 1. (Original publicado em 1959).
- Souza, S., & Farias, A. E. M. (2015). Plantão psicológico: a urgência da acolhida. In S. Souza, F. B. Silva Filho & L. A. Montenegro (Eds.), Plantão psicológico: ressignificando o humano na experiência da escuta e do acolhimento (pp. 15-32). Curitiba, PR: Editora CRV.
- Tassinari, M. A. & Durange, W. (2017). Clínica da urgência psicológica: a radicalidade do encontro como processo de promoção da saúde. In: \_\_\_\_. Plantão e a Clínica da urgência psicológica. 1.ed. Curitiba: CRV, 2.

## ATENDIMENTO DE USUÁRIO DE DROGAS: DESAFIO E POSSIBILIDADES NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

**Rafael Ferreguete Crispino**

Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Estado do Pará

**Zakiee Castro Mufarrej Hage**

Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Estado do Pará

**Introdução:** O plantão psicológico foi desenvolvido no Brasil, visando fornecer um atendimento rápido para diminuir a fila de espera da psicoterapia da Universidade de São Paulo (Fujisaka *et al.*, 2003). Este serviço existe como uma forma de atendimento emergencial, na qual o cliente pode ser atendido em seu momento de crise ou em um período depois. Como afirma Lima, Carvalho e Pires (2020), tal estilo de atendimento pode ser compreendido também como “[...] uma estratégia de promoção de saúde e prevenção de doenças, possibilitando que um número expressivo de pessoas tenha acesso ao cuidado em saúde [...]” (p. 160). Portanto, o plantão psicológico se apresenta para a população como uma alternativa breve para expor, dialogar e ser escutado sobre seu sofrimento com um profissional ou estagiário de psicologia. Além de beneficiar a sociedade por seus atendimentos emergenciais, o plantão psicológico é útil para a formação dos alunos de psicologia porque os colocam em contato com diversas pessoas e problemáticas, expandindo as realidades nas quais entrou em contato (Lima, Carvalho, Pires, 2020). Lizzi *et al.* (2023) apresentaram algumas dificuldades elencadas pelos alunos que vivenciaram o plantão no seu segundo semestre: trabalhar com a falta de planejamento e auxílio a demandas novas em cada atendimento. Contudo, tais autores também ressaltaram que no plantão há a capacidade dos alunos se encontrarem e aprofundarem sua visão e habilidades no acolhimento do sofrimento humano. Então, a imprevisibilidade deste serviço pode ser entendida como benefício também para os futuros psicólogos que atendem às diversas demandas, desde clientes com ideação suicida a usuários de drogas, por não haver uma triagem prévia para entender o motivo da procura do cliente e nem exclusão de uma demanda específica. Acerca do manejo da demanda de usuários de drogas na Abordagem centrada na Pessoa, Brito e Sousa (2014) ressaltam que o principal ponto deste processo no manejo é a aceitação incondicional, visto que é através da aceitação que os clientes irão se abrir a experienciar as suas vivências e poder resignificá-las no processo terapêutico; ademais, tais autores também ressaltam que muitos dos pacientes que chegam ao serviço da psicologia quando estão em processo de reabilitação estão na primeira fase postulado por Rogers (2017), isto é, os indivíduos não acessam o eu e há muito uso de defesas, não estão abertos a experienciar e focam em seus passados e em situações inacabadas.

**Objetivo:** Relatar um caso de usuária de drogas atendido no serviço de plantão psicológico em uma clínica-escola do estado do Pará. **Metodologia:** O estágio aconteceu em uma clínica-escola de uma universidade particular amazônica, sendo parte obrigatória da grade curricular com o nome de “Extensão com Interação Comunitária II” e tinha como plantonistas os estudantes do 8º semestre do curso de psicologia. Inicialmente, foi realizado *role-play* e discussões de textos que introduziram sobre a temática do plantão psicológico entre os extensionistas para realizar um treinamento e aprimoramento sobre o serviço. Depois deste primeiro momento, os plantonistas começaram a realizar atendimentos em dupla e eram supervisionados depois destes momentos com os clientes; e após cada atendimento os estudantes realizavam as transcrições. Os clientes atendidos eram informados que o serviço continha um número máximo de três sessões, mas é importante frisar que

em casos complexos e que se percebia a necessidade de mais atendimentos, eram ofertados mais sessões aos clientes, portanto, houve alguns clientes que usufruíram de mais sessões. É importante ressaltar que o presente resumo se apresenta no formato de estudo de caso, essencial para o desenvolvimento de conhecimento na área de medicina e psicologia e visa mostrar de “[...] modo detalhado de um caso individual [...]” (Ventura, 2007, pg. 384). Portanto, no próximo tópico, será exposto sobre detalhes da cliente com um nome fictício para manutenção do anonimato e com o manejo do plantonista e reflexões que foram percebidas tanto durante as sessões quanto no momento de supervisão. **Discussão:** O presente caso é de uma adulta de 21 anos, com nome fictício “Roberta”. Esta cliente, durante o atendimento no serviço de plantão, trabalhava em uma micro-empresa da região metropolitana de Belém como caixa e chegou ao plantão com o principal motivo ideiação suicida que estava em sua consciência de forma mais recorrente; posteriormente ao acolhimento, os plantonistas investigaram sobre possíveis motivações desse aumento e a Roberta relatou que não tinha nenhum planejamento, que estava vivendo sem se programar para o futuro, mas, após um momento da fala, foi observado uma incongruência, visto que ela também afirmou que tinha planos de voltar a fazer faculdade que tanto almejava e os extensionistas apontaram para tal e a cliente concordou. Nesta primeira sessão, os estudantes que atenderam o caso observaram que, diferente do que aponta Brito e Sousa (2014), a cliente chegou em um segundo estágio, visto que já apresentava sinais de primeira pessoa quando expressava emoções, mas seu passado ainda estava bem presente, não conseguindo focar no futuro; conquanto, foi perceptível que a aceitação incondicional dos plantonistas foi extremamente importante para a estabelecimento de vínculo e para que a Roberta se sentisse confortável para se abrir nas próximas sessões, como foi apontado pelos pesquisadores supracitados. Na segunda sessão, a cliente ainda não havia relatado sobre o uso de drogas, mas afirmou outros pontos importantes: que se pressionava muito no trabalho para manter uma produtividade aceitável na perspectiva de seus chefes. E, na terceira sessão, logo no começo, Roberta confessa: “Ela [a mãe da cliente] me obrigou a falar que estou usando coca [cocaína]” (SIC); o plantonista em atendimento realizou uma psicoeducação com a cliente e indicou que, ao contrário de parar abruptamente o uso, seria melhor realizar o desmame da droga e que fosse contactado o psiquiatra dela para que ele pudesse auxiliar nesse processo de abstinência e também foi indicado que Roberta voltasse na mesma semana e que trouxesse a sua mãe para que os extensionistas realizassem uma sessão de psicoeducação. Durante a supervisão, foi debatido com a supervisora que seria melhor encaminhar a cliente para um Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas (CAPS-AD), devido o serviço prestado ser um plantão psicológico, ser uma clínica-escola e uma unidade de plantão psicológico, conquanto, seria realizado mais um acolhimento e uma orientação tanto com a mãe quanto com Roberta para que havia limitações no atendimento prestado pelos plantonistas, pois não seria possível realizar um processo psicoterapêutico de longo prazo, conforme indicado dentro da literatura (Occhini e Teixeira, 2006). Entretanto, durante a supervisão, foram debatidos e a turma refletiu sobre as possibilidades terapêuticas do caso em um viés da ACP, que estaria voltada nas bases da abordagem, isto é, por meio da congruência seria possível analisar os fenômenos elencados pela cliente e observar se a paciente estaria ou não tentando manipular o psicoterapeuta e, caso sim, que seja exposto dentro desta relação; a empatia ajudaria na percepção das necessidades do cliente pelo seu olhar, entendendo que seu processo é único; e por fim, é importante frisar que a aceitação incondicional ajudaria na confiança tanto do cliente quanto do terapeuta no processo para a cura (Rogers, 2017). **Conclusão:** Observou-se que há poucas produções literárias sobre o manejo de clientes usuários de drogas numa visão da ACP e que dificultou as

possibilidades de direção dos plantonistas no processo. Além disso, o manejo apresentado foi baseado no atendimento de outros casos e na relação autêntica entre terapeuta e cliente; mas, entende-se que ainda há muito a ser compreendido nos casos de usuários de droga em plantão psicológico.

**Palavras-Chave:** Abordagem centrada na pessoa; usuário de drogas; plantão psicológico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brito, R. M. M., & Sousa, T. M. (2014). Dependência química e abordagem centrada na pessoa: contribuições e desafios em uma comunidade terapêutica. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 20(1), 77-85.
- Fujisaka, A. P., Kovács, M. J., Breschigliari, J. O., Rocha, M. C., Eisenlohr, M. G. V., & Schmidt, M. L. S. (2013). Plantão psicológico em centro-escola: tradição, reinvenções e rupturas. In *Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa*. Rio de Janeiro: Editora CRV.
- Lima, F. L. A., de Carvalho, A. R. R. F., & Pires, G. M. (2020). Plantão psicológico como estratégia de clínica ampliada: uma revisão integrativa. *Revista Saúde & Ciência*, 9(1), 152-169. <https://doi.org/10.35572/rsc.v9i1.386>
- Lizzi, C. B., da Silva, J. O. D., da Silva Dantas, L. M., de Faria, R. M., Meira, J. C., & de Castro, E. H. B. (2023). Sentir-se literalmente um ser-no-mundo lançado: a experiência de estagiários do 2º período no plantão psicológico. *Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 16 (1, jan-jun), 218-245. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/11501>
- Occhini, M. F., & Teixeira, M. G. (2006). Atendimento a pacientes dependentes de drogas: atuação conjunta do psicólogo e do psiquiatra. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 11, 229-236. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200012>
- Rogers, C. R. (2017). *Tornar-se pessoa*. WWF Martins Fontes.
- Ventura, M. M. (2007). O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SoCERJ*, 20(5), 383-386. [http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007\\_05/a2007\\_v20\\_n05\\_art10.pdf](http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf)

## **PLANTÃO PSICOLÓGICO E O ACOLHIMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE SOBRECARGA EMOCIONAL**

**Ingrid Lopes de Moraes**

Discente do curso de Psicologia pelo Centro Universitário do Pará

**Líria Jordana da Silva Almeida**

Discente do curso de Psicologia pelo Centro Universitário do Pará

**Zakiee Castro Mufarrej Hage**

Docente do curso de Psicologia pelo Centro Universitário do Pará

**Introdução:** É de conhecimento geral que historicamente os cuidados domésticos sempre recaíram sobre as figuras femininas dentro dos componentes familiares, não levando em consideração a sua idade e tampouco as demais demandas dessas mulheres (Fontoura et al., 2010). Entretanto, com o advento da inserção das mulheres no mercado de trabalho, tais demandas não foram realocadas, levando a essas figuras, por muitas vezes, a acumularem duplas ou até triplas jornadas de trabalho, evidenciando a grande disparidade de gênero nesse contexto, tendo em vista que os homens, em sua maioria, focalizam sua atenção somente na jornada de trabalho formal e naquilo que eles consideram como “provisão do lar” (Oliveira; Marcondes, 2016). Levando tal contexto em consideração, Pereira (2023) realizou uma pesquisa qualitativa a respeito do uso do tempo de mulheres que possuem um trabalho formal e também são responsáveis pelos cuidados domésticos, encontrando o resultado que apesar de muitas possuírem uma rede de apoio, ainda assim detinham sob sua responsabilidade a maior demanda de cuidado e, por muitas vezes, não restava tempo para seus momentos de lazer e autocuidado, impactando profunda e consideravelmente sua saúde mental. Abundancia (2019), em uma reportagem para o jornal El país, alega que 3 em cada 4 mulheres sofrem de sobrecarga mental, sendo que 40% destas desconhecem o conceito disso e 45% jamais falaram sobre isso com outras pessoas, em sua maioria movidas por um sentimento de que precisam demonstrar força e vitalidade, não colocando em voga seus próprios sentimentos e evidenciando uma necessidade não somente sobre conscientização dessa parcela da população, mas também a disponibilização de locais onde essas mulheres conseguissem externalizar suas demandas. Dentro desse âmbito, o plantão psicológico é idealizado com base na fundamentação teórica da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers, e está ligado a uma prática de atenção psicológica aberta à comunidade, objetivando atender a pessoa no momento exato de sua necessidade. O plantão é pensado e praticado como uma maneira de acolher e responder, de forma individualizada, às diferentes formas e pluralidades apresentadas pelas pessoas atendidas (Mahfound, 2012). Dessa forma, o acolher dentro do processo de plantão psicológico, tem como função a escuta ativa das demandas trazidas e a clarificação de possíveis caminhos nos quais podem estar tão demasiadamente entrelaçados com o sofrimento, que é impossibilitado esse contato pelo cliente (Tassinari et al., 2013). Ainda de acordo com Mahfound (2012), no plantão, o foco a ser assumido pelo plantonista é contribuir para o enfrentamento da problemática apresentada, colocando-se disponível para acolher o cliente no momento presente, ao invés de focar-se em seus problemas. Tais meios possibilitam ao plantonista a flexibilidade para atender um amplo conjunto de demandas,

tendo em vista que o foco não está em uma especialização profissional, mas no cliente. Em vista disso, o presente resumo possui o objetivo de descrever, através de um relato de experiência das plantonistas e autoras, a importância do plantão psicológico frente a sobrecarga emocional de mulheres atendidas em uma clínica universitária da cidade de Belém/PA. **Método:** Este resumo consiste em um relato de experiência no qual descreve vivências das autoras no atendimento em plantão psicológico com mulheres, oferecido em uma clínica universitária, durante o período do segundo semestre de 2023. Os atendimentos foram realizados a livre demanda e oferecidos para a comunidade interna e externa de uma universidade de Belém/PA, às segundas e quintas, em horário comercial, tendo como pré-requisito a idade superior a 18 anos. **Discussão:** A análise da prática dentro do plantão psicológico deu-se como uma experiência única. Dentro da graduação em psicologia existem as mais diversas oportunidades de contato com a comunidade, mas, como alega literatura, o plantão psicológico possibilita o contato com inúmeras demandas que surgem de forma espontânea, demandando dos graduandos do curso de psicologia a habilidade de adequar-se às diferentes histórias que surgirem. Entretanto, algo que chamou a atenção das autoras deste resumo foi encontrar a interessante similaridade entre as histórias escutadas do público feminino - majoritário no atendimento - independente da idade, em atendimento no módulo de “Extensão com Interação Comunitária II”, convertido em Plantão Psicológico. Geralmente com suas demandas iniciais apresentadas como desgaste físico, sobrecarga emocional e traços fortes de ansiedade, as mulheres atendidas, em sua maioria, possuíam como plano de fundo uma excessiva preocupação familiar, seja com um irmão, filho, pais e/ou cônjuge, demonstrando um padrão com as figuras masculinas. Além disso, trazem como ramificações um certo enlutamento por quem eram antes de se atribuírem tamanha responsabilidade e outras relatam nem lembrarem em qual momento da vida isso teve início. Nesse momento as autoras perceberam que, apesar de todo o conhecimento adquirido na graduação sobre escuta, métodos interrogativos sem serem coercitivos e que jamais corroborem para o modelo hospitalocêntrico, este público, em sua maioria, necessitava de uma escuta ativa, acolhimento, que não conseguiram receber em outros ambientes (Pereira, 2023), seja pela culpabilização de estarem sobrecarregando seus pares ou ainda o receio em mostrar-se vulnerável diante de pessoas que esperam ter nelas a fortaleza da mulher, e mais ainda da aceitação incondicional como postulou Rogers (1997) para questões que as usuárias traziam e que jamais tiveram coragem para demonstrar tanta vulnerabilidade e sofrimento e encontros que poderiam muito possivelmente ser únicos, exigindo ainda mais manejo clínico e validação por parte das estagiárias/plantonistas. **Conclusão:** Debruçar-se sobre a individualidade da responsabilização feminina exige um minucioso estudo sobre as vertentes que o cercam, sejam as questões estruturais da sociedade ou ainda a falta de diálogo sobre o direito de também poder escolher não exercer tantas responsabilidades, por este motivo urge a necessidade de maiores pesquisas com este público e então a aplicação de práticas de políticas públicas que amparem essas mulheres e consiga mitigar a longo prazo suas angústias e sofrimentos. Para as plantonistas, praticar o acolhimento e a escuta ativa das demandas apresentadas, por vezes, transpassou por uma dimensão de estranhamento e inquietação, que, somado ao receio em elaborar uma devolutiva que auxilie a pessoa acolhida em sua demanda, em muitos momentos foi autoimposto uma dúvida a respeito de sua eficácia. Todavia, ao final das sessões, quando as mulheres acolhidas alegavam um alívio momentâneo de suas angústias, percebia-se a importância que um momento, mesmo que curto, de escuta acolhedora, ativa e sem julgamentos ou necessidade de retorno, agregou de alguma forma na vivência dessas mulheres, enfatizando,

assim, a importância de possibilitar mais locais que oportunizem mais experiências como essas para esse público.

**Palavras-chave:** plantão psicológico; mulher; sobrecarga; escuta; prática psicológica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abundancia, R. (2019). Carga mental: a tarefa invisível que ninguém fala. El País. Política. [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/01/politica/1551460732\\_315309.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/01/politica/1551460732_315309.html)
- Fontoura, N., Pinheiro, L., Galiza, M., & Vasconcelos, M. (2010). Pesquisas de uso do tempo no Brasil: contribuições para a formulação de políticas de conciliação entre trabalho, família e vida pessoal. *Revista Econômica*, 12(1).
- Mahfoud, M., Alcântara, T. C., Batista, M. A. B., Brandão, J. M., Drummond, D. M., Magalhães, R. & Silva, R. O. (2012). *Plantão psicológico: novos horizontes* (2ªed). São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Lima, D. F. (2022). Plantão psicológico na delegacia de atendimento à mulher: a acontecência do cuidado. *Revista Educação e Humanidades Universidade Federal de Pernambuco*, 8- 26.
- Oliveira, M. C. F. A., & Marcondes, G. S. (2016). Os tempos para o trabalho e para a família na população feminina em áreas metropolitanas brasileiras [Times for work and family in the female population in Brazilian metropolitan areas]. *Idéias*, 7(1), 61-88.
- Pereira, L. C. (2023). O uso do tempo para mulheres que são mães e trabalham remuneradamente.
- Rogers, C. R., & Ferreira, M. J. D. C. (1997). Psicoterapia e consulta psicológica. In *Psicoterapia e consulta psicológica* (pp. 207-208).
- Tassinari, M. A., Cordeiro, A. P. S., & Durange, W. T. (2013). *Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa*. Curitiba: CRV.

## O ACOLHIMENTO EM CONFLITOS INTERNOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PLANTÃO PSICOLÓGICO

**Marina Beatriz Vieira Ribeiro**

Graduanda de Psicologia do Centro Universitário do Estado do Pará

**Ana Gabriela Damasceno Faria**

Graduanda de Psicologia do Centro Universitário do Estado do Pará

**Zakiee Castro Mufarrej Hage**

Docente de Psicologia do Centro Universitário do Estado do Pará

**Introdução:** Dentre todas as contribuições do plantão psicológico, cabe a este trabalho discutir a grande significância dessa prática como oportunidade e direito básico à população, buscando ainda relacionar com a experiência vivenciada em uma Clínica-Escola localizada em Belém do Pará. O pronto-atendimento psicológico consiste num serviço que viabiliza atendimento de tipo emergencial, aberto a qualquer pessoa que a ele recorre, espontaneamente, em busca de auxílio referente às suas demandas imediatas de natureza emocional. Por ser um serviço de caráter emergencial, o plantão acontece sem necessidade de agendamento e caracteriza-se por fornecer alívio, orientação e apoio em situações de urgência. A partir do plantão psicológico, o profissional consegue acolher e escutar de forma ativa as experiências trazidas pelo cliente, podendo contribuir para o enfrentamento da problemática (Souza et al., 2015). Por esse caminho, o plantão se torna um importante recurso para a busca do desenvolvimento de uma melhor saúde mental, levando em consideração que o seu objetivo principal é promover a autonomia da pessoa e ajudá-la a refletir sobre maneiras possíveis de superar as dificuldades que enfrenta (Cury, 2012). Nesse contexto, é importante ressaltar que o serviço de plantão proporciona um ambiente ético e seguro, no qual o plantonista assume a responsabilidade de estabelecer um vínculo terapêutico confiável em um curto espaço de tempo. Mahfoud (2012), discute ao longo de seu estudo que, muitas vezes, o plantão pode ser o primeiro e único contato do cliente com um profissional de saúde mental em determinada situação. Dessa maneira, é fundamental que a intervenção seja realizada de forma eficaz, respeitando as subjetividades de cada caso e proporcionando um espaço livre de julgamentos, para que o cliente possa se expressar de maneira autêntica e sem receios. A partir disso, compreende-se que, diante à experiência, o cliente é convidado a discutir e refletir possíveis estratégias a serem seguidas, o que, segundo Souza et al. (2015), em meio aos conflitos internos e enfrentamento de dificuldades, o cliente pode não conseguir pensar sozinho. Por fim, em uma visão da ACP, a empatia é uma atitude essencial ao trabalho do terapeuta e, por extensão, ao plantonista (Souza et al., 2015). Assim, quando o terapeuta começa a acolher o cliente em sua totalidade, compreendendo sua experiência interna, seus sentimentos e como ele se relaciona com o mundo, essa conexão com o universo do cliente desencadeia a transformação (Rogers, 1977). Fundamentado nessas perspectivas, o plantonista é levado pelo processo de atendimento a propor uma escuta que facilite no outro a elaboração da sua demanda para que possa se perceber na sua realidade, se aproxime da sua experiência e possa se conduzir a alguma tomada de decisão. Essa forma de escuta, que pode ser descrita como genuína, profunda ou ativa, estabelece o cenário terapêutico no Plantão Psicológico, incentivando o cliente a buscar o

profissional de plantão para que este acolha suas necessidades, compreenda-as e reflita sobre sua própria experiência (Souza et al., 2015 APUD Mahfoud, 2012). **Objetivo:** Abordar sobre a importância do plantão psicológico e relatar a experiência vivenciada em uma Clínica-Escola em Belém do Pará. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de caráter descritivo com abordagem qualitativa, do tipo Relato de Experiência de um atendimento que ocorreu no Plantão Psicológico em uma Clínica-Escola em Belém do Pará, em 2023. Os atendimentos eram oferecidos para a comunidade, e à medida que as pessoas chegavam, uma dupla de plantonistas se disponibilizava para atender. **Discussão:** Laura (nome fictício), 28 anos, teve três atendimentos e iniciou o processo expressando insatisfação com sua rotina exaustiva no trabalho. A alta demanda emocional e mental que o seu cargo na hotelaria exigia, causava crises de ansiedade e desânimo na cliente. Ela relatou sintomas como: dificuldade para respirar, palpitações, tremores, dores no peito e na cabeça. Durante as crises de ansiedade, a cliente afirmou que se isola, pois se sente sem apoio de colegas ou familiares. Além disso, Laura expressou que se sente infeliz no cargo que exerce, haja vista que seu sonho era ser aeromoça. No entanto, devido a falta de apoio familiar e pressões para seguir um caminho diferente, ela nunca buscou alcançar esse sonho. A cliente demonstrou tristeza por nunca ser reconhecida por suas conquistas e sonhos, os quais desde a infância eram frequentemente ignorados por sua família. Em seu segundo atendimento, a cliente trouxe a notícia que havia saído de seu emprego, e que agora gostaria de focar em seus estudos para o processo seletivo de aeromoça. Suas crises de ansiedade diminuíram e sentiu melhora significativa em seu estado físico e mental. Ao longo do atendimento, Laura reconheceu problemas com sua comunicação, refletindo que muitas vezes reage de forma explosiva quando se sente mal compreendida. Ela afirmou que, por esse motivo, começou a se isolar e guardar seus sentimentos para si. No terceiro e último atendimento, a cliente compartilhou que estava conseguindo manter sua rotina de estudos, apesar de momentos de preguiça. Ela também mencionou que sua mãe frequentemente a trata mal, o que afeta seu estado emocional. Por fim, ela informou que não sente mais crises de ansiedade desde sua demissão e não expressou interesse em continuar com acompanhamento psicológico. A partir dos relatos da cliente, ao longo das sessões, as plantonistas buscaram permitir à Laura um local de acolhimento e escuta ativa, abordando reflexões de maneira cautelosa e respeitosa. Foi abordado com a cliente, a importância de pensar em estratégias que possam lhe auxiliar em suas relações externas e consigo, uma vez que, constantemente, recorre a reprimir suas inquietações e ressentimentos. Entende-se que isso ocorre, pois Laura presenciou diversos momentos em que seus limites foram ultrapassados, os quais resultaram em reações explosivas e sentimentos de frustração. **Considerações finais:** As plantonistas buscaram acolher a cliente discutindo sobre seus sentimentos e permitindo a reflexão sobre seus incômodos. É importante refletir que na história de vida de Laura, em raros momentos ela foi acolhida e validada por sua família, o que cabe considerar o plantão psicológico como uma oportunidade de suporte e alívio em meio ao enfrentamento de dificuldades. Considera-se que o acolhimento à cliente foi realizado de maneira pontual e necessária, dando voz à assuntos que, em muitos momentos, não foram escutados e acolhidos, através de um espaço seguro e sem julgamentos.

**Palavras-chaves:** Acolhimento; Conflitos Internos; Plantão Psicológico; Abordagem Centrada na Pessoa.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Mahfoud, M. et al. (2012). *Plantão Psicológico: Novos Horizontes*. C. I. Editora e Livraria Ltda.

Rogers, C. R., Rosenberg R. L. (1997). *A pessoa como centro*. Editora EPU.

Souza, S., Silva Filho, F. B., & Montenegro, L. A. A. (2015). *Plantão Psicológico: Ressignificando o Humano na Experiência da Escuta e Acolhimento*. Editora CRV.

## PLANTÃO PSICOLÓGICO CENTRADO NA PESSOA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO

**Ana Flávia Dias da Silva**

Graduanda do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará

**Gabriela Machado Vilhena**

Graduanda do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará

**Zakiee Castro Mufarrej Hage**

Docente do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará

**Introdução:** O estágio supervisionado tem como objetivo principal preparar os estudantes para o mercado de trabalho, além de ajudá-los a desenvolver competências essenciais para atividades que serão exercidas ao se formarem (Silva Neto et al., 2017). Dessa forma, é no estágio que o estudante se mobiliza de fato a complexidade da função executada pelo profissional da psicologia, rompendo com estereótipos e fantasias do início da graduação (Borges, 2020). O plantão psicológico como atividade nas clínicas-escola tem se mostrado uma tentativa de integração de duas necessidades: a formação profissional desse estudante e o atendimento à população, para que assim se forme um profissional sintonizado com as demandas sociais (Paparelli & Martins, 2007). Tassinari (2009) define plantão psicológico como um estilo de atendimento realizado no momento exato da necessidade da pessoa (ou quase exato), em uma ou mais consultas sem duração pré determinada, para ajudá-la a compreender melhor sua emergência e, se necessário, encaminhá-la a outros serviços. Ou seja, esse modelo de atendimento é exercido por profissionais que se mantêm à disposição de quaisquer pessoas que deles necessitem, no momento em que faz sentido para elas, valorizando a tomada de decisão em buscar ajuda psicológica e ajudando esse indivíduo a lidar melhor com seus recursos e limites, além de promover uma ressignificação e ampliação da percepção do sujeito frente ao sofrimento que ele vivencia naquele momento (Chaves & Henriques, 2008; Mahfoud, 2012; Moreira et al., 2022; Rebouças & Dutra, 2010). Os psicoterapeutas que se propõem a serem plantonistas, precisam renunciar aos esquemas prévios da psicoterapia para que do encontro possa emergir inúmeras possibilidades com as mesmas atitudes facilitadoras da congruência, compressão empática e consideração positiva incondicional, partindo do postulado das Tendências Atualizantes (Rogers, 2009). O atendimento em plantão tem o objetivo de facilitar uma maior compreensão da pessoa e de sua situação imediata, dessa forma, plantonista e o cliente irão, de maneira conjunta, procurar as potencialidades inerentes que podem estar adormecidas, a partir de uma relação sem julgamentos, com escuta sensível e empática. É necessário também, que o profissional tenha um genuíno desejo em ajudar para desempenhar seu papel (Tassinari, 2009). Assim, tornam-se essenciais para o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa, como o é também na clínica psicológica em ACP: a autenticidade, expressividade, espontaneidade, envolvimento e compromisso reais com as pessoas (Monteiro & Bezerra, 2020). **Objetivo:** O objetivo deste relato é descrever e discutir sobre a experiência de estudantes de graduação em Psicologia em plantão psicológico centrado na pessoa supervisionado em uma clínica-escola, assim como seus benefícios para formação acadêmica

dos discentes. **Metodologia:** O estágio ocorreu em uma clínica psicológica universitária. Os atendimentos foram divulgados por meio das redes sociais e foi elucidado na divulgação que se tratava de um plantão psicológico para maiores de 18 anos e com atendimento imediato, ou seja, sem necessidade de marcação de horário. Antes do início dos atendimentos, foram realizados role plays em sala de aula, para que assim os estudantes pudessem treinar e receber da supervisora e monitoras, feedbacks sobre seu estilo de atendimento e como ele poderia ser aprimorado. Os clientes eram convidados, logo que entravam na sala de atendimento, a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para declararem estar cientes que seriam atendidos por estagiários de Psicologia e que os dados coletados nas sessões poderiam ser utilizados para fins de pesquisa. Todos que se dirigiam à clínica tinham direito a três atendimentos iniciais e, após a finalização dos mesmos, poderia ser discutida a possibilidade de mais sessões, dependendo de cada situação. Ao final dos encontros, os clientes eram convidados a entrar na fila de espera da psicoterapia contínua, realizada na mesma clínica-escola, e quando necessário, eram encaminhados a outros serviços. Os estudantes atenderam divididos em duplas e eram supervisionados pela professora responsável pela disciplina. As supervisões ocorriam regularmente, e através delas, os plantonistas podiam sanar suas dúvidas, discutir estratégias de intervenção, questões éticas e desafios enfrentados durante as sessões. Os discentes também eram responsáveis por transcrições de todos os atendimentos feitos, descrevendo a queixa principal e um breve resumo dos temas abordados, para que assim, futuros estagiários que viessem a atender o cliente, tivessem em mãos o histórico do mesmo. **Discussão:** O estágio supervisionado em plantão psicológico foi projetado para integrar os conhecimentos teóricos adquiridos durante a graduação com a prática profissional, prestando serviço para indivíduos com dificuldade de acesso a atendimentos psicológicos e que no plantão, poderiam encontrar um meio de alívio para suas angústias. Foram atendidos adultos em diferentes fases da vida, e as demandas emocionais eram bastante diversificadas, indo desde casos de episódios depressivos e ansiedade, até questões de adaptação e relacionamentos. Durante o estágio, ficaram evidentes diversos elementos da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), cruciais para os atendimentos e que também se fizeram presentes durante as discussões dos casos. A ACP enfatiza a importância da aceitação incondicional e empatia como fatores cruciais para que se possa criar um vínculo terapêutico e conexão com o cliente (Rogers, 1986). Apesar do plantão psicológico ser um atendimento breve, a prática de ouvir atentamente e validar os sentimentos das pessoas que passavam pela clínica foram essenciais para construção de confiança entre cliente e plantonista. Foi, também, de suma importância a colocação do cliente no centro do processo, permitindo que o mesmo direcionasse a sessão e escolhesse sobre o que queria falar, respeitando a autonomia e tendência atualizante do indivíduo (Rogers & Kinget, 1977). É importante destacar, porém, que alguns casos atendidos na clínica-escola iam além das capacidades de um serviço de plantão psicológico, necessitando de acompanhamento a longo prazo por se tratarem de situações mais complexas, como: problemas psiquiátricos graves que necessitavam de intervenção médica, problemas relacionados ao uso de álcool e drogas, situações de abuso e violência que precisavam de assistência e proteção legal e ideação suicida. Os casos mencionados necessitavam de intervenções imediatas e mais diretas, o que também pode entrar em conflito com os postulados da ACP, já que a terapia centrada no cliente enfatiza a não diretividade do processo terapêutico (Rogers, 1973). A avaliação de risco de suicídio foi uma parte crucial do plantão psicológico e diversos casos foram atendidos durante o estágio supervisionado. Para que essas pessoas tivessem o suporte necessário, após os atendimentos, esses clientes só poderiam sair da clínica acompanhados de algum familiar ou amigo e eram encaminhados imediatamente para um

centro de emergência psiquiátrica, onde poderiam receber assistência imediata. **Considerações finais:** A aplicação da ACP em plantão psicológico foi desafiador e exigiu muito estudo teórico e manejo clínico para as situações adversas. Entretanto, é inegável a contribuição da abordagem para a criação de um ambiente terapêutico empático e que favorecesse a busca dos clientes por suas potencialidades, significados e sentido na vida. Além disso, o estágio proporcionou para os plantonistas uma saída do piloto automático e com toda certeza contribuiu para o desenvolvimento profissional dos estudantes, solidificando o compromisso dos graduandos com a profissão e demonstrando o impacto positivo que a Psicologia pode ter na vida das pessoas.

**Palavras chave:** Plantão Psicológico; Supervisão Clínica; Abordagem Centrada na Pessoa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Borges, A. R. C. (2020). As contribuições do estágio em plantão psicológico para a formação em psicologia. Rosario.ufma.br. <https://rosario.ufma.br/jspui/handle/123456789/4604>
- Chaves, P. B., & Henriques, W. M. (2008). Plantão psicológico: De frente com o inesperado. *Psicologia argumento*, 26(53), 151-157. <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19831/19133>
- Mahfoud, M. (2012). *Plantão psicológico: novos horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Moreira, G., Dantas, J.B. & Dutra, A.B. (2022). Ausência como urgência: o Plantão Psicológico em situações de perdas e luto. *Revista do NUFEN*, 14(2), 1-13. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912022000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912022000200002&lng=pt&tlng=pt).
- Mozena, H. (2009). *Plantão psicológico: um estudo fenomenológico em um serviço de assistência judiciária*. 169f (Doctoral dissertation, Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Pontifícia Universidade de Campinas, Campinas).
- Rebouças, M. S. S., & Dutra, E. (2010). Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 16(1), 19-28.
- Rogers, C.R. & Kinget, G. (1977). *Psicoterapia e relações humanas*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Rogers, C. R. (1986). *Um Jeito de Ser*. São Paulo: E.P.U.
- Rogers, C. R. (2009). *Tornar-se pessoa* (6. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (1973). *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Silva Neto, W. M. F.; Oliveira, W. A.; Guzzo, R. L. (2017). Discutindo a Formação em Psicologia: a atividade de supervisão e suas diversidades. *Psicol. Esc. Educ.* 21(3). 573-582. <https://doi.org/10.1590/2175-353920170213111111>

Tassinari, M. A. (1999). Plantão psicológico centrado na pessoa como promoção de saúde no contexto escolar. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Paparelli, R. B., & Nogueira-Martins, M. C. F. (2007). Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 27(1), 64–79. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932007000100006>

## ATITUDES FACILITADORAS EM CONTEXTO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO CENTRADO NA PESSOA

**Gabriela Machado Vilhena**

Graduanda do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará - CESUPA

**Ana Flávia Dias da Silva**

Graduanda do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará - CESUPA

**Zakiee Castro Mufarrej Hage**

Docente do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará - CESUPA

**Introdução:** A instalação do serviço de Plantão Psicológico foi um marco significativo para a Psicologia Clínica, e seu início remonta aos anos 60. Rachel Rosemberg desempenhou um papel fundamental ao estabelecer essa iniciativa no Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Instituto de Psicologia da USP (Ipusp), tendo como referência principal a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers. O Plantão Psicológico, proporciona uma maneira mais acessível e imediata para as pessoas buscarem ajuda psicológica, contribuindo assim para o desenvolvimento e evolução da prática clínica (Chaves & Henriques, 2008). Desta forma, o Plantão Psicológico é uma abordagem de atendimento que permite, aos alunos do curso de psicologia, enfrentar o desafio de assistir um número maior de pessoas no momento em que precisam, ajudando-os a lidar com seus próprios recursos e limitações. (Gomes, 2008). Dutra & Rebouças (2010) comentam que o Plantão Psicológico, é um espaço que proporciona uma experiência enriquecedora tanto para o cliente quanto para o plantonista. Sendo assim, o plantonista se apresenta como alguém que está genuinamente disposto, presente e disponível, naquele momento. Isso implica em estar presente e atento ao sofrimento do outro, buscando compreendê-lo de forma mais profunda. Os autores ainda comentam que o objetivo principal da prática do Plantão Psicológico não é resolver ou aprofundar problemas, mas sim proporcionar uma compreensão mais profunda do sofrimento que emerge no encontro entre o plantonista e o cliente. É uma abordagem que valoriza a escuta atenta e o acolhimento do sujeito em sua complexa relação com o mundo ao seu redor, reconhecendo que a compreensão e o alívio do sofrimento podem ser alcançados por meio desse processo. Na ACP, o cliente é visto como centro de todo o processo, cabendo ao psicólogo atuar como facilitador, colaborando para que o cliente consiga despertar seu próprio potencial de crescimento (Carvalho, 2021). O objetivo deste resumo é apresentar a importância das atitudes facilitadoras do terapeuta diante do ambiente de Plantão Psicológico Centrado na Pessoa. **Discussão:** As atitudes facilitadoras desempenham um papel crucial dentro da prática do plantão psicológico centrado na pessoa. Neste contexto, Rogers (1957) afirma que é necessário vienciar as três atitudes facilitadoras: congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática (Silva, 2019). Santos (2004) aponta que apesar das condições adversas que o indivíduo pode vivenciar, ele ainda terá a capacidade latente de desenvolver autonomia e autodeterminação. Carl Rogers, ainda afirma que o ser humano possui a capacidade de caminhar rumo ao seu próprio funcionamento adequado, em ser criativo para escrever suas próprias respostas e compreender a si mesmo. A consideração positiva incondicional ao seu cliente, isto é, experimentar cada experiência do cliente, as entendendo como importantes para

aquele processo. Para isso, é necessário transformar o “apesar de” para “por”, mostrando-se disponível para ajudar o cliente a reformular suas próprias respostas por todas as suas experiências vividas. (Carrenho et al., 2010). A compreensão empática é percebida quando o psicoterapeuta passa a adotar e mover sua atuação a partir do ponto de vista do seu cliente. Para Rogers (2019), compreensão empática é a capacidade de perceber, se interessar e entender as histórias da outra pessoa, a partir de seus sentimentos, suas dificuldades e seu silêncio. Tal capacidade é uma tarefa difícil para o terapeuta que, neste momento, precisa deixar-se de lado para aceitar, incondicionalmente, o jeito de ser do seu cliente, o ouvindo verdadeiramente, e o compreendendo como ser dotado de potencialidades. Ademais, vale ressaltar sobre a congruência do psicólogo para com seu cliente, haja vista que, quando o cliente lhe pede uma resposta, o papel do terapeuta é se mostrar disponível para que ele possa encontrar e construir seu próprio caminho. Tornando, então, visível que, naquele momento, o psicólogo não tinha respostas suficientes para sanar a problemática do paciente, exprimindo abertamente seus sentimentos, que, apesar do foco da terapia ser o cliente, não deixa de validar a experiência do psicoterapeuta. Assumir tais sentimentos, é válido para manter o relacionamento entre terapeuta e cliente o mais verdadeiramente possível (Carrenho et al., 2010). Nesse sentido, a tendência atualizante representa: “o fator dinâmico, a energia para realização do comportamento, enquanto a noção do eu representaria o fator regulador, a direção na qual o comportamento será realizado” (Carvalho, 2021). Portanto, a tendência atualizante é a motivação de vida em direção a alguma coisa, manifestando no ser humano, sua própria capacidade de resolver seus problemas, compreender a si mesmo e alcançar o funcionamento interno. Essas atitudes incluem a empatia genuína, em estar presente e escutar o cliente, naquele momento, sem julgamento e de forma completa. O plantonista deve criar um espaço seguro e acolhedor, demonstrando compreensão e aceitação incondicional ao cliente, isso promove abertura e confiança e permite que o cliente compartilhe suas vivências, sentimentos e preocupações livremente. Além disso, a congruência, ou seja, a autenticidade e transparência do plantonista é fundamental para estabelecer um vínculo terapêutico. Essas atitudes facilitadoras ajudam a criar um ambiente propício para o crescimento e autoconhecimento do cliente, tornando o plantão centrado na pessoa mais eficaz e benéfico. Por fim, é essencial ressaltar que o plantão psicológico representa uma das primeiras experiências clínicas para os estudantes de psicologia, embora possa trazer incertezas, medo e desafios, esses obstáculos são de extrema importância na formação dos futuros psicólogos. Além disso, é relevante destacar que não existe uma abordagem certa ou errada ao lidar com um cliente, sendo crucial enfatizar a importância de trazer o que faz mais sentido e o que mais se alinha com o terapeuta e o cliente.

**Considerações Finais:** O estudo ressalta a importância de cultivar atitudes facilitadoras no contexto do plantão psicológico centrado na pessoa. A compreensão empática, a escuta ativa, o não julgar, desempenham papéis centrais na construção de uma relação terapêutica eficaz e positiva. Outrossim, a congruência do terapeuta em entender suas limitações, expressar sua autenticidade e em ser transparente, possibilita um ambiente de confiança e integralidade. O plantão psicológico centrado na pessoa, enraizado nessas atitudes facilitadoras, é uma ferramenta valiosa para ajudar as pessoas a enfrentar desafios emocionais e psicológicos, promovendo seu bem-estar e desenvolvimento pessoal, trazendo uma oportunidade de acolhimento, cuidado e ressignificação.

**Palavras-Chave:** Psicoterapia Centrada na Pessoa; Plantão Psicológico; Atitudes Facilitadoras.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Carrenho, E., Tassinari, M., & Pinto, M. (2010). *Praticando a Abordagem Centrada na Pessoa—dúvidas e perguntas mais frequentes*. São Paulo: Carrenho Editorial.
- Carvalho, R. H (2021). O papel da psicoterapia pautada na Abordagem Centrada na Pessoa em contextos de ideação suicida. Centro Universitário de Brasília – CEUB Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15855>
- Chaves, P. B., & Henriques, W. M. (2008). Plantão psicológico: De frente com o inesperado. *Psicologia argumento*, 26(53), 151-157. <https://www.esamaz.com.br/downloads/plantao-psicologico-de-frente-com-o-inesperado.pdf>
- Gomes, F. M. D. (2008). Plantão psicológico: novas possibilidades em saúde mental. *Revista da SPAGESP*, 9(1), 39-44. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5513438>
- Rebouças, M. S. Souza, & Dutra, E. (2010). Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(1), 19-28. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735613004>
- Rogers, C. R. (2019). *Tornar-se pessoa*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (1957). As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica de personalidade. *Journal of Consulting Psychology*, vol.21(2): 95-103,1957.
- Santos, C. B.(2004). *Abordagem Centrada na Pessoa - Relação Terapêutica e Processo de Mudança*. *Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca*. <https://doi.org/10.25752/psi.6071>
- Silva, F. C. R. (2019). *O desenvolvimento da congruência em estagiários de psicologia com atuação na Abordagem Centrada na Pessoa – ACP. (Monografia Graduação)*. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13883>

## IDEAÇÃO SUICIDA NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

**Ana Flávia Dias da Silva**

Graduanda do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará

**Gabriela Machado Vilhena**

Graduanda do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará

**Zakiee Castro Mufarrej Hage**

Docente do curso de Psicologia, Centro Universitário do Estado do Pará

**Introdução:** O suicídio é um grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo, com mais de 700 mil mortes por ano (Souza et al., 2011; Organização Mundial de Saúde [OMS], 2022). A ideação suicida se refere ao pensamento, desejo ou planos que o indivíduo possa ter em tirar a própria vida, podendo ser o primeiro passo para a concretização do ato (Borges & Werlang, 2006). A linha entre a ideação, a tentativa e o suicídio propriamente dito é muito tênue e, por conta disso, a morte autoinfligida quase sempre é pensada e precedida por tentativas; todavia, não há como descartar os casos em que não há um planejamento, e sim um impulso desesperador (Minayo & Cavalcante, 2010; Teixeira et al., 2018). É consenso entre muitos estudos de natureza humanista, fenomenológicas e existencialistas que o comportamento suicida é um fenômeno humano que abrange diversos aspectos, de modo que não é possível compreendê-lo a partir de explicações simplistas (Cruz et al., 2020). Uma das maiores questões das correntes existencialistas é a finitude; e o ser humano busca, de maneira incessante, alguma explicação do seu viver e também do seu morrer. Perguntas como “de onde viemos?” e “para onde vamos?” atravessam a nossa existência e são feitas até os dias atuais (Dutra, 2011). Ao buscar compreender o suicídio por meio dessas vertentes, entende-se esse ato como uma possibilidade que o indivíduo tem de se ver livre de todo o desespero existencial em que se encontra, manifestado por meio da angústia, tédio, solidão, falta de um projeto de vida e perda de sentido (Silva, Alves & Couto, 2016). A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) desenvolveu uma nova proposta do fazer psicoterápico e de entendimento do ser humano, se afastando das abordagens psicológicas clássicas de sua época e seguindo a proposta da Psicologia Humanista. Em 1959, Carl Rogers postulou o conceito de tendência atualizante, fundamento central da ACP e considerada uma força motriz inerente ao ser humano de desenvolver suas potencialidades, por meio do que é experienciado no momento presente, considerando as possibilidades e limites do seu meio (Braga, 2020; Carvalho, 2021; Rogers & Kinget, 1977). Sob essa perspectiva, a ACP tem o objetivo de colocar o cliente no centro do processo terapêutico e o terapeuta no papel de facilitador, auxiliando na construção de um ambiente favorável, capaz de despertar o potencial e tendência atualizante do indivíduo (Carvalho, 2021). Os objetivos deste resumo são aprofundar a compreensão da ideação suicida e evidenciar a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa sobre esse tema de grande importância e sensibilidade, além de estabelecer conexões entre o postulado da tendência atualizante e o ato do suicídio. **Discussão:** O resumo destaca a complexidade do fenômeno suicida e a necessidade de compreendê-lo para além de explicações que tentam padronizar-lo e simplificá-lo, levando em consideração os aspectos psicológicos, existenciais e humanistas que são subjacentes a

esse comportamento. Sabe-se que para a terapia centrada no cliente, desde que o indivíduo esteja em um ambiente seguro, pode desenvolver todo seu potencial intrínseco e escolher caminhos construtivos para seu crescimento. Todavia, quando o ambiente é ameaçador, o sujeito não consegue acessar esses caminhos, gerando discordâncias do self idealizado e do self real (Rogers, 1986; Venturela, 2011). Por conta disso, o sujeito vê na morte autoinfligida a única possibilidade de se ver livre de toda dor, angústia e sofrimento existencial, pois todas as outras tentativas de resolução dos seus conflitos falharam e não há possibilidades de mudança (Meleiro & Bahls, 2004; Siqueira, 2012). Uma discussão mais aprofundada sobre esta temática pode se concentrar no papel do psicoterapeuta centrado na pessoa no atendimento do cliente com pensamentos suicidas, já que a ACP oferece uma estrutura terapêutica específica para ajudar esses indivíduos a acessar seu potencial, como: empatia e aceitação incondicional, foco no cliente, escuta ativa, promoção da autenticidade e autorrealização, além da construção de um ambiente seguro, livre de julgamentos e ajuda na busca do sentido e significado (Rogers, 1986). O terapeuta deve também, segundo Roche et al. (2012), estar atento aos gestos de auto agressão que, não são por si só atos suicidas, mas se mostram de extrema importância para a compreensão dos mesmos, já que demonstram pouco interesse pela vida. É importante destacar, por fim, as falhas na tendência atualizante do cliente e sua ligação com a ideação suicida, pois quando não há condições facilitadoras, o indivíduo constrói uma imagem distorcida de si mesmo e torna-se incongruente (divergência entre a autoimagem e a imagem ideal) e rígido, não conseguindo encontrar sentido na própria existência e passando a viver um vazio existencial, que pode desencadear o desespero e desejo pela morte (Rogers, 1959; Rogers, 1986; Silva et al., 2016). É indispensável reconhecer que, um estudo teórico, apesar de oferecer uma base conceitual importante, apresenta limitações, já que esta é uma temática extremamente complexa e multifacetada que depende de diversos fatores psicológicos, sociais e biológicos; por conta disso, um estudo teórico pode não ser capaz de abordar todas as nuances desse fenômeno. **Considerações finais:** Este estudo teórico reforça o valor da ACP como uma abordagem que pode contribuir para uma compreensão mais aprofundada da ideação suicida, pois apresenta uma visão empática e humanista para conseguir ajudar a pessoa em crise. Persiste também a importância da conscientização sobre o suicídio na sociedade atual e a necessidade urgente de mais ferramentas de prevenção, garantindo profissionais qualificados para dar apoio para o indivíduo em situação de grande sofrimento mental.

**Palavras chave:** Suicídio; Ideação suicida; Abordagem Centrada na Pessoa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Borges, V. R., & Werlang, B. S. G. (2006). Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. *Estudo de psicologia*, 11(3), 345-351. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000300012>

Brasil. Ministério da Saúde ( 2022). Anualmente, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio, segundo OMS. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>

Carvalho, R. H. (2021). O papel da psicoterapia pautada na abordagem centrada na pessoa em contextos de ideação suicida. *Repositorio.uniceub.br*. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15855>

Cruz, C. A., Sales, D.O., Souza, L.D.S., & Branco, P.C.C. (2020). O Suicídio na Perspectiva das Psicologia Humanista, Fenomenológica e Existencial: Revisão Sistemática e Metassíntese. *Contextos Clínicos*, 13(1), 293-315. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2020.131.14>

Meleiro, A. M. A. S., & Bahls, S.C. (2004). O comportamento suicida. *Suicídio: Estudos Fundamentais*. São Paulo: Segmento Farma.

Minayo M.C.S., Cavalcante F.G. (2010). Suicídio entre pessoas idosas: revisão da literatura. *Revista Saúde Pública*. 44(4). <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010000400020>

Rogers, C. R. & Kinget, G. (1977). *Psicoterapia e relações humanas*. Belo Horizonte: Interlivros.

Rogers, C. R. (1986). *Sobre o poder pessoal*. São Paulo: Martins Fontes.

Rogers, C. R. (1986). *Um jeito de ser*. São Paulo: E.P.U.

Silva, K. F., Alves, M. A. & Couto, D. P. (2016). Suicídio: Uma escolha existencial frente ao desespero humano. *Pretextos- Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*. 1(2), 184-203. <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13618>

Siqueira, T. D. A. (2012). A percepção psicoterapêutica do suicídio na terceira idade na abordagem fenomenológica existencial. *Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia*, 1(3). <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/146>

Souza, V. dos S., Alves, M. da S., Silva, L. A., Lino, D. C. S. F., Nery, A. A., & Casotti, C. A. (2011). Tentativas de suicídio e mortalidade por suicídio em um município no interior da Bahia. *Jornal Brasileiro De Psiquiatria*, 60(4), 294–300. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852011000400010>

Teixeira, S. M. O., Souza, L. E. C., & Viana, L. M. M (2018). O suicídio como questão de saúde pública. *Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde*, 31(3). <https://doi.org/10.5020/18061230.2018.8565>

Venturela, P. D. (2011). *Prevenção do suicídio : um relato da capacitação dos voluntários do centro de valorização da vida (CVV) no município de Porto Alegre*. Lume.ufrgs.br. <http://hdl.handle.net/10183/37197>

## DESAFIOS NO ATENDIMENTO A CLIENTES COM IDEAÇÃO SUICIDA NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

**Hian Soares Teixeira**

Universidade Federal do Pará

**Rayanne Castilho Mesquita**

Universidade Federal do Pará

**Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo**

Universidade Federal do Pará

**Introdução:** Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (2014), o suicídio é um ato intencional executado com objetivo de provocar a morte do próprio indivíduo. Atender pessoas com ideação suicida ou que tentaram suicídio pode mobilizar o profissional, colocando-o em contato com suas próprias questões sobre o tema (Zana & Kóvacs, 2013). Entretanto, é importante que existam serviços preparados para acolher esse tipo de demanda, pois há quem busque auxílio antes de tentar tirar sua própria vida (Feijoo, 2018). Nesse sentido, o plantão psicológico, enquanto serviço adequado para atender as urgências e emergências psicológicas, se configura como uma alternativa de intervenção psicológica a esta questão. No Plantão Psicológico da Universidade Federal do Pará, no contexto da assistência estudantil, a ideação suicida e o histórico de tentativas de suicídio aparecem com frequência como queixa ou como demanda dos atendimentos. Dessa forma, os estagiários devem estar aptos, teórica e pessoalmente, para acolher esses clientes. Nesse sentido, objetivamos relatar os desafios e os aprendizados, discutidos em supervisão, de realizar o acolhimento ao cliente com ideação suicida no contexto do plantão psicológico. Utilizou-se das versões de sentido de atendimentos e de diários de campo dos autores para coletar os dados deste relato. **Discussão:** Em primeiro lugar, percebemos que esses atendimentos requerem do terapeuta o cuidado e o respeito pelo outro para além de técnicas ou protocolos, assim como certa cautela e tolerância, pois cada cliente tem seu próprio ritmo para abordar o assunto. Em nossa experiência, foi possível observar clientes que comunicaram durante os primeiros minutos de sessão que tinham ideias suicidas, enquanto outros não se sentiram confortáveis o suficiente para abordar o tema antes do estabelecimento da confiança na relação terapêutica. Dessa forma, corrobora-se o exposto por Huggett et al (2022) sobre a importância do desenvolvimento de um ambiente acolhedor para que o indivíduo se sinta confortável em relatar o seu sofrimento. Na relação com o cliente com ideação ou tentativa de suicídio, a autonomia deste é o elemento principal, o foco do terapeuta é o cuidado, não a “cura” de sua visão sobre o mundo ou si mesmo. Outro desafio, comum na prática psicoterapêutica, é lidar com a possível identificação com as demandas do cliente, o que se torna ainda mais complexo ao se tratar de questões que envolvem o suicídio. Para Rogers (2008) a compreensão empática é marcada pela condição de sentir “como se” fosse o outro, o que implica uma diferenciação em relação ao cliente. Trata-se de buscar se aproximar ao máximo da visão de mundo do outro, do que ele sente e do que ele vive; lembrando sempre que não se é o outro para não correr o risco de buscar soluções para a vida dele como se fosse para si (Pinto, 2020). Entretanto, Fontgalland, Moreira e Melo (2018) apontam que a identificação pode ocorrer quando as demandas

do cliente refletem diretamente questões pessoais do psicoterapeuta, mas pontuam que estas não devem interferir no atendimento ou afetar o processo do cliente. Nessa direção, as autoras citam a psicoterapia pessoal do terapeuta como recurso capaz de intervir nessa dinâmica. Também destacamos a supervisão como espaço para desencadear o processo de autopercepção e autoconhecimento, fundamentais para a formação do psicólogo e para lidar com os dilemas que aparecem na prática terapêutica. É na supervisão que os plantonistas têm a oportunidade de refletir sobre a relação terapêutica com o cliente e que talvez possam ter a oportunidade de integrar a experiência de identificação. Destaca-se a importância dessa possibilidade, pois além de uma competência técnica, o terapeuta dispõe de seu self e de sua experiência pessoal para compreender empaticamente o cliente (Gomes, 2019). Não se trata de transformar esse momento em uma psicoterapia individual do estagiário, mas de proporcionar um espaço de cuidado e de autorreflexão de assuntos que impactam diretamente na atuação do plantonista. No contexto da assistência estudantil, em que estagiários-estudantes atendem outros estudantes, a identificação apresenta maior probabilidade de acontecer. Em nossa experiência, atentar para as diferenças, de forma a diferenciar o que é meu e o que é do outro, o que eu vivi e o que o outro está vivendo, sem prejudicar a compreensão empática e a relação terapêutica, foi um exercício capaz de intervir significativamente nessa questão, facilitando que o terapeuta permaneça na relação de forma congruente. Ademais, Mahfoud (2012) sinaliza que o plantonista deve estar disponível para lidar com o não planejado e com a possibilidade de um encontro único, além de que essa relação significará um ponto de referência para o cliente que passa por um momento de dificuldade. Implica-se que não se acompanhará o indivíduo e que não se verá o desvelar de sua história e o desfecho da situação que o trouxe até o plantão. Há sim a possibilidade de retornos, mas isso não garante que o mesmo plantonista o assistirá em um novo momento, não há garantia de uma continuidade, até porque o atendimento se encerra em si mesmo e a demanda de um retorno pode ser completamente diferente. Nesses casos, principalmente tratando-se de um grupo de plantonistas que realiza supervisão juntos, nossa experiência nos mostra que pode surgir um cliente da equipe, pois a cada supervisão o grupo conhece-o um pouco melhor. Mas não é a esse tipo de situação que queremos tratar, mas sim a daquele cliente que não retorna e do qual não temos mais notícias. Muitos relatos nos tocam profundamente, pois nos atingem em nossa humanidade compartilhada, sabemos que fazemos o possível durante o atendimento para acolher o cliente, orientá-lo e até mesmo encaminhá-lo. Entretanto, apesar da preocupação sincera, o possível último contato com essa experiência será na supervisão, onde nos perguntamos o que poderíamos ter feito de diferente. Esse cenário pode suscitar angústia no terapeuta quando as demandas do cliente envolvem sofrimentos extremos. É preciso, como propõe Fukumitsu (2014), abrir mão da função de salvar a vida do cliente e compreender que nosso papel é o de oferecer uma relação de ajuda que talvez facilite a resignificação da vida por parte do cliente. **Conclusão:** Apontamos a necessidade de continuar refletindo sobre o atendimento à ideação suicida, de forma a somar conhecimento e contribuir no preparo do psicólogo para lidar com essa demanda. Assim, sugerimos que pesquisas sejam realizadas para compreender a experiência do psicólogo nesse tipo de atendimento e identificar as estratégias terapêuticas utilizadas, no intuito de (re)pensar o acolhimento para além de técnicas e protocolos. Além disso, investigar essa dinâmica no contexto do plantão psicológico e apontar convergências e divergências com a psicoterapia também é relevante para o aprofundamento do tema.

**Palavras-chave:** Ideação Suicida; Plantão Psicológico; Abordagem Centrada na Pessoa.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Associação Brasileira de Psiquiatria. (2014). *Suicídio: informando para prevenir*. Comissão de Estudos e Prevenção de Suicídio. Brasília: CFM/ABP.
- Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2018). Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(2), 173-181. <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.6>
- Fontgalland, Rebeca Cavalcante, Moreira, Virginia, & Melo, Cynthia de Freitas. (2018). A experiência de ser empático para o psicoterapeuta humanista-fenomenológico iniciante. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(1), 5-20.
- Fukumitsu, Karina Okajima. (2014) O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. *Psicologia USP*. 25(3), 270-275. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140001>
- Gomes, Isadora Dias. (2019). Reflexão sobre limites e possibilidades de empatia na escuta de mulheres negras. Em: Tassinari, Marcia & Durange, Wagner. (Orgs.). *Empatia: A capacidade de dar luz à dignidade humana*. CRV.
- Huggett, Charlotte, Gooding, Patricia, Haddock, Gillian, Quigley, Jody & Pratt, Daniel. (2022). The relationship between the therapeutic alliance in psychotherapy and suicidal experiences: A systematic review. *Clinical Psychology & Psychotherapy*. 1–33.
- Mahfoud, Miguel. (2012) A vivência de um desafio: Plantão Psicológico. Em: Mahfoud, Miguel. (org.). *Plantão psicológico: novos horizontes*. Companhia Ilimitada.
- Pinto, Marcos Alberto da Silva. (2020). A abordagem centrada na pessoa. Em: Pinto, Marcos Alberto da Silva (org.). *Abordagem Centrada na Pessoa e algumas de suas possibilidades*. All Print Editora.
- Rogers, Carl R. (2008) As condições suficientes e necessárias para a mudança terapêutica da personalidade. Em: Wood, John Keith, Doxsey, Jaime Roy, Assumpção, Lucila Machado, Tassinari, Márcia Alves, Japur, Marisa, Serra, Mônica Allende, Wrona, Raquel, Loureiro, Sonia Regina & Cury, Vera Engler. (org.) *Abordagem centrada na pessoa*. EDUFES.
- Zana, Augusta Rodrigues de Oliveira, & Kovács, Maria Julia. (2013). O Psicólogo e o atendimento a pacientes com ideação ou tentativa de suicídio. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(3), 897-921.

## EXPERIÊNCIA *SER/ESTAR* DOENTE DOS PACIENTES DE UM HOSPITAL DE REFERÊNCIA NO PARÁ

**Denise Raissa Lobato Chaves**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)/Fundação Hospital de Clínicas Gaspar Vianna (FHCGV)

**Bianca Nascimento de Souza**

Universidade Ceuma

**Introdução:** Para Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), o objetivo é facilitar o crescimento e desenvolvimento das potencialidades intrínsecas à própria pessoa. Não há necessidade de ter diagnóstico base para nortear o tratamento em saúde mental, pois a ACP enfoca o processo de mudança e a Tendência Atualizante, elementos inerentes a todos os seres humanos (Joseph, 2017). Portanto, o diagnóstico não interfere ou modifica a natureza do processo psicoterápico proposto pela ACP: a oferta de uma relação humana na qual a liberdade de experiência seja respeitada, bem como as Condições Facilitadoras do crescimento estejam presentes (Poelman, 2021). Para D'Angelis (2021), a partir da prática subsidiada pela ACP e Fenomenologia no contexto psiquiátrico tornam-se possíveis condutas favorecedoras do cuidado em saúde mental de modo a considerar as pessoas e suas vivências acerca dos sintomas e contexto de saúde psicológica. Nesta perspectiva, Moreira (2017) propõe a inclusão da Fenomenologia Mundana de Merleau-Ponty para dar subsídio à prática na ACP, compreendendo o ser humano como “mundano”, como ser constituído mutuamente com o mundo, de modo a propor compreensão acerca da subjetivação construída em relação com a sociedade e a cultura na qual o sujeito está inserido. Do ponto de vista fenomenológico, a saúde não é considerada como um estado (*É*), e sim um processo (*Ser/Estar*), no qual o organismo pode se atualizar em conjunto com o mundo em que está inserido e, conforme se transforma e muda, atribui significado a este mundo<sup>[1]</sup>. O adoecer psicopatológico apresenta dimensão orgânica e psíquica, além de influências das dimensões políticas, sociais, antropológicas e outras. O paciente deixa de ser visto como um doente e passa a ser compreendido como ser real, em sua existência em relação com o mundo. A saúde mental, para a Fenomenologia, é entendida como processo constante de criação do ser e do mundo no qual “saúde” e “patologia” são etapas deste processo (Moreira, 2017). A partir dos referenciais teóricos da ACP e da Fenomenologia, considera-se que o adoecer psicopatológico é processo contínuo que faz parte da existência humana, logo, um processo experienciado e vivido, o qual é referenciado nesta pesquisa como “experiência de *Ser/Estar* Doente”. No contexto da saúde, a Psicologia atua utilizando seus conhecimentos para promoção e manutenção da saúde, no âmbito hospitalar – mais especificamente – o psicólogo necessita de visão ampla de quem é a pessoa que está acompanhando e como ela está diante de seu processo de doença, internação hospitalar e tratamento (Sebastiani & Fongaro, 2017). A internação psiquiátrica é uma circunstância possível na vida de pessoas que estejam vivenciando o adoecer psicopatológico e este processo de hospitalização proporciona impactos psicossociais devido à perda da individualidade e a ruptura brusca com o seu cotidiano devido inserção na rotina hospitalar pré-estabelecida (Botega, 2017). Dentro do contexto hospitalar de internação, o psicólogo Humanista-Fenomenológico necessita “...ouvir a pessoa doente de forma mais próxima, procurando apreender os seus sentimentos e perceber a ligação destes com

*o processo da doença, visto que é a pessoa como um todo que está envolvida neste processo*” (Brandão, 2000, p. 103). Esta pesquisa qualitativa e descritiva objetivou analisar a relação dos pacientes internados com a sua experiência de *Ser* ou *Estar* doente. O campo de estudo fora a Clínica Psiquiátrica de hospital de referência em Psiquiatria no Estado do Pará e os instrumentos utilizados para coleta de dados foram o diário de campo e a Entrevista Fenomenológica (Lopez, 2014), para análise dos dados fora utilizada a proposta de Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). **Método:** A amostra de participantes se caracterizou como amostragem por conveniência<sup>[2]</sup>, cujos participantes foram 3 (três) pacientes internados na Clínica Psiquiátrica do referido hospital, durante o período de dois meses de coleta de dados da pesquisa. Tais participantes foram selecionados mediante critérios de inclusão a seguir: maiores de 18 anos por ser uma característica predominante no quantitativo de pacientes internados na Clínica Psiquiátrica, e pacientes em acompanhamento prévio à internação por considerar que, nestas condições, os mesmos possuíam experiência anterior à internação relacionada a convivência com o transtorno mental (experiência de *Ser* ou *Estar* doente). Devido ao quadro de sintomas persistentes e agudos que o paciente se encontra em uma internação psiquiátrica, considerou-se também que, para serem incluídos na amostra, os pacientes deveriam: estar em condições de pré-alta (sintomas melhorados) e apresentar discurso coerente e organizado<sup>[3]</sup>. Por considerar que a relação terapêutica estabelecida é fundamental para o psicólogo que atua a partir da Abordagem Centrada na Pessoa (Rogers & Kinget, 1977), também foram considerados apenas os pacientes com relação previamente estabelecida. Também fora considerado pacientes cujos responsáveis aceitaram participação nesta pesquisa. Estes critérios foram estabelecidos por considerar que nestas condições o paciente pode participar da entrevista de modo ativo, deliberado e apto a responder as perguntas realizadas. **Resultados:** As entrevistas foram analisadas a partir da proposta de Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), obtendo quatro categorias de análise conforme objetivos da pesquisa: *Self*, Experiência de *Ser* ou *Estar* doente, Tratamento e Internação. Com base na análise destas categorias, pôde-se concluir que a relação que cada paciente estabelece com a experiência de *Ser* ou *Estar* doente está diretamente relacionada aos significados que compõem o *self* de cada um, modo que a incongruência ou congruência com o vivido e o *self* também reverberam na simbolização em outros elementos associados a própria experiência, como o tratamento, a medicação, a internação e a relação com outros pacientes. **Discussão:** A partir da compreensão do sujeito como ser-no-mundo que se constitui em relação com o mundo - *mundano*, o sujeito apresenta configuração de self mediada pela cultura do contexto no qual está inserido. Pôde-se observar que o conteúdo trazido pelos participantes apresenta conceito proveniente desta constituição *mundana*: a “loucura”. Tal concepção se inter-relaciona com a configuração de self de cada participante, de modo que se apresenta na relação estabelecida com os próprios sintomas, os outros pacientes, tratamento e medicação. Esta construção da “loucura” se revela negativamente, associada ao estigma e preconceito construídos socialmente acerca da experiência de *Ser* ou *Estar* doente manifestada de modo singular em cada sujeito. **Conclusão:** Por entender que a experiência de *Ser* ou *Estar* doente se trata de uma forma que o sujeito encontrou de existir no mundo e de se relacionar com ele, a partir desta perspectiva pode-se considerar que os sintomas experienciados pelos participantes são formas de linguagem e expressão do vivido que ocorre do presente imediato, com significação implícita que pode ser ligada a conteúdo ou simbolizações.

**Palavras-chave:** Saúde Mental; Abordagem Centrada na Pessoa; Fenomenologia; Experiência.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.

Botega, N. J. (2017). O paciente diante da doença e da hospitalização. Em N. J. Botega, *Prática Psiquiátrica no Hospital Geral* (pp. 17-32). Artmed.

Brandão, L. M. (2000). *Psicologia Hospitalar: Uma abordagem holística e fenômeno-existencial*. Livro Pleno.

D'Angelis, R. M. (2021). A Abordagem Centrada na Pessoa aplicada à prática Psiquiátrica. Em E. M. F., Miranda & W.A., Pereira, *Fundamentos e Aplicações da Abordagem Centrada na Pessoa e da Psicoterapia Experiencial* (pp.29-38). Editora Artesã.

Joseph, S. (2017). Mental health and the person-centered approach. Em S., JOSEPH (org.) *The Handbook of Person-Centered Therapy and Mental Health*. PCCS Books.

Lopez, S. M. (2014), La entrevista Fenomenológica: una propuesta para la investigación en psicología y psicoterapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(1), 63-70.

Moreira, V. (2017). *Clínica Humanística-Fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia clínica*. MJW Fédition.

Nogueira, M. de J. (Coord.) (2005). *Exame das funções mentais: um guia*. Lemos Editorial.

Oliveira, T. M. V. (2001). Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e quotas. *Administração On Line: Prática, Pesquisa e Ensino*, 2(3).

Poelman, A. M. S. S. (2021). A Questão do Diagnóstico na Abordagem Centrada na Pessoa. Em E. M. F. Miranda & W. A. Pereira, *Fundamentos e Aplicações da Abordagem Centrada na Pessoa e da Psicoterapia Experiencial* (pp. 19-26). Editora Artesã.

Rogers, C. R. & Kinget, G. M. (1977). *Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva*. Interlivros.

Sebastiani, R. W. & Fongaro, M. L. H. (2017). Roteiro de Avaliação Psicológica aplicada ao hospital geral. Em V. A. Angerami, *E a Psicologia Entrou no Hospital* (pp. 11-110). Editora Artesã.

[1] Nesta pesquisa o adoecimento é compreendido a partir de uma perspectiva fenomenológica na qual adoecer faz parte da existência humana. Portanto, serão utilizados os termos “*Ser doente*” ou “*Estar doente*” para se referir à enfermidade, mais especificamente à psicopatológica, a qual é foco desta pesquisa.

[2] Tipo de amostragem não probabilística cujo processo de seleção dos participantes se baseia em critérios estabelecidos pelo pesquisador, bem como os participantes se encontram como membros mais acessíveis da população pesquisada (Oliveira, 2001).

[3] A partir do discurso do paciente é possível analisar o curso e conteúdo de seu pensamento, em quadros agudos o paciente apresenta alterações nestas características. Sendo assim, o discurso organizado é considerado quando as alterações presentes no pensamento são mínimas ou não existentes (Nogueira, 2005).

## **RELAÇÃO TERAPÊUTICA NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E NA GESTALT-TERAPIA**

**Carolina da Natividade Rodrigues Correa**

Universidade Federal do Pará

**Hian Soares Teixeira**

Universidade Federal do Pará

**Maria Clara Leão Oliveira**

Universidade Federal do Pará

**Lorena Schalken de Andrade**

Universidade da Amazônia

**Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo**

Universidade Federal do Pará

**Introdução:** Segundo Moreira (2010), no contexto brasileiro, ocorre uma aproximação entre a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e a Gestalt-terapia, pois ambas fazem parte da psicologia humanista, embora sejam epistemologicamente distintas. Para a autora, esse debate justifica o estudo de suas convergências e divergências, epistemológicas e clínicas, visando promover uma leitura crítica de ambas. Este estudo teórico tem como objetivo analisar a dinâmica da relação terapêutica nessas duas abordagens, com o intuito de identificar suas semelhanças e diferenças. Além disso, buscamos destacar as contribuições específicas que cada uma dessas perspectivas pode oferecer à prática da psicóloga em seus respectivos contextos terapêuticos. Para esse fim, analisaremos a relação terapêutica por meio de características como a postura do terapeuta, a compreensão do cliente e a importância dada à autenticidade e à experiência no processo terapêutico. Para isto, realizou-se uma revisão narrativa da literatura, na qual foram analisadas as principais obras de cada abordagem no intuito de refletir acerca dos modos de construção da relação terapêutica e quais os pilares de sustentação epistemológica entre ambas as teorias. Optou-se pelas obras *Ego, Fome e Agressão* (Perls, 1942/2002) e *Gestalt-terapia* (Perls, Hefferline & Goodman, 1951/1997) por se tratar de materiais da consolidação da Gestalt-terapia enquanto abordagem psicológica e que evidenciam aspectos fenomenológicos-existenciais e dialógicos. Como referência para a ACP, utilizaram-se as obras *Tornar-se Pessoa* (Rogers, 1961/2009) e *Psicoterapia e Relações Humanas* (Rogers & Kinget, 1975), escolhidas, respectivamente, pela sua relevância ao representar o pensamento de Carl Rogers e pela sistematização coerente de sua teoria, discutindo as principais noções e conceitos da abordagem. **Discussão:** É possível notar que tanto na ACP, quanto na Gestalt-Terapia, busca-se estabelecer um ambiente terapêutico que seja facilitador e coloca-se o cliente como foco principal. Essas semelhanças destacam a importância dada à qualidade do relacionamento terapêutico como um catalisador para o crescimento psicológico e a conscientização pessoal. Em ambas as abordagens, valoriza-se a autenticidade do terapeuta, o que requer consciência acerca dos próprios sentimentos, pensamentos e reações para criar um ambiente seguro onde o cliente possa se expressar genuinamente. Em Gestalt-terapia, a fenomenologia existencial, como filosofia de base, sustenta a atitude terapêutica diante de outra pessoa, compreendendo conceitos como angústia e vazio como potência para o crescimento e mudança. Desta forma, emoções consideradas socialmente

como negativas, são valorizadas, como por exemplo a raiva, recusando-se uma interpretação causal dos sentimentos, assumindo uma visão holística do ser humano em suas experiências de campo. Na abordagem gestáltica, o terapeuta busca o fenômeno vivenciado junto ao cliente por meio de experimentações corporais, com base nas influências das artes como forma de aproximação e compreensão de outras linguagens que podem comunicar as demandas de cada pessoa. No que se refere a Abordagem Centrada na Pessoa, destaca-se que seu desenvolvimento teórico iniciou fortemente influenciado pelo pragmatismo e pelo funcionalismo, que constituem a base epistemológica das teorias rogerianas, elaboradas por meio de pesquisas de delineamento quase-experimental (Castelo Branco, 2022). Entretanto, a relação terapêutica proposta pela abordagem possui um caráter experiencial, que foi aproximado da filosofia existencial, e é fundamentalmente construída em torno das atitudes facilitadoras de compreensão empática, consideração positiva incondicional e autenticidade. Além disso, destaca-se a crença na tendência à realização, potencial do indivíduo de se auto realizar, autocompreender e modificar seus autoconceitos, capacidade esta que todos possuem e que é facilitada pelo contexto relacional desprovido de ameaças ao self. Nessa direção, a relação terapêutica é compreendida como um tipo especial de relação de ajuda que promove transformações na estrutura da personalidade, por meio de um ambiente de confiança e de aceitação, que possibilita ao cliente explorar as suas experiências internas. Destacamos que a autenticidade promove o desenvolvimento de uma relação verdadeira no setting terapêutico, porém AmatuZZi (2010) defende que essas atitudes não existem separadamente, porque estão intrinsecamente relacionadas, o que nos permite entender que as demais atitudes devem ser autênticas para de fato promover o crescimento pessoal. Destacamos também que concepções corporais na psicoterapia centrada na pessoa surgiram apenas posteriormente de forma mais explícita com o trabalho de Eugene Gendlin, o mesmo aconteceu com o uso da arte como recurso expressivo nos trabalhos de Natalie Rogers. Em ambas as abordagens, o terapeuta cria um ambiente desprovido de julgamento, promovendo a confiança e a abertura para a exploração da experiência do cliente, porém suas intervenções são diferentes e estão fundamentadas em teorias e bases epistemológicas diferentes. De acordo com Moreira (2010) em uma análise menos rigorosa, do ponto de vista epistemológico, e com foco nas semelhanças entre a Abordagem Centrada na Pessoa e a Gestalt-Terapia pode ocultar suas diferenças, resultando em uma possível redução dessas abordagens e em riscos significativos na prática clínica. Isso acontece quando intervenções terapêuticas que parecem semelhantes são, na verdade, baseadas em princípios distintos, o que pode afetar profundamente sua eficácia. Por exemplo, enquanto a ACP se desenvolveu inicialmente em torno da ideia de não diretividade ou de centramento no cliente, permitindo que o cliente guie o processo, a Gestalt-Terapia tem uma abordagem mais direta, frequentemente utilizando técnicas específicas para promover a conscientização e a integração das experiências do cliente. Conclusão: Em síntese, é possível perceber que além de convergências tanto a ACP quanto a Gestalt-Terapia enfatizam a aceitação e a promoção da autonomia do cliente. Ambas compartilham o objetivo de criar um ambiente terapêutico que proporciona crescimento pessoal e autoexploração, cada uma com suas nuances e abordagens específicas, ampliando assim as opções disponíveis para ajudar os indivíduos a se tornarem mais conscientes de si mesmos e a desenvolverem uma compreensão profunda de suas vidas. No entanto, é de suma importância que ambas as abordagens se aprofundem nas práticas com base em suas epistemologias, a fim de evitar inconsistências teóricas e usos das mesmas de forma inapropriada. A consistência epistemológica além de possibilitar maior coerência na prática clínica e

na construção da relação com a cliente, fortalece o rigor teórico-metodológico para pesquisas na clínica psicológica.

**Palavras-chave:** Abordagem Centrada na Pessoa; Gestalt-Terapia; Relação Terapêutica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amatuzzi, Mauro Martins (2010). Rogers: ética humanista e psicoterapia. Alínea.

Castelo Branco, Paulo Coelho (2022). As pesquisas clínicas coordenadas por Carl Rogers: apontamentos metodológicos e repercussões. *Psicol. Pesqui.*, 16(2), 1-24. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.31533>

Perls, Frederick (1942/2002). Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud. Summus.

Perls, Frederick; Goodman, Paul; Hefferline, Ralph Franklin (1951/1997). Gestalt-terapia. Summus.

Moreira, Virginia. (2010). Convergências e divergências entre as psicoterapias de Carl Rogers e Frederick Perls. *Revista do NUFEN*, 2(1), 20-50.

Rogers, C. R., & Kinget, G. M. (1975). Psicoterapia e relações humanas: Teoria e prática da terapia centrada no cliente (Vol. 1). Martins Fontes.

Rogers, Carl Rogers (1961/2009). Tornar-se pessoa. Martins Fontes.

## VERSÃO DE SENTIDO, CLÍNICA ESCOLA E ACP: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Camila Acácio Moura**

Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ)

**Amanda Pereira de Carvalho Cruz**

Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ)

**Introdução:** entendendo os relatos escritos como formas de expansão do conhecimento através da experiência de atuação adquirida, o presente trabalho se desenvolveu a partir das práticas em estágio obrigatório supervisionado na Clínica-Escola de Psicologia do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (CEPSI-UNIFAMAZ), pautando-se no diálogo entre as vivências e inquietações de uma psicoterapeuta-estagiária, autora deste trabalho. Dessa forma, contextualiza-se em que a linha teórica de escolha para a prática de estágio, em atendimento de psicoterapia, correspondeu a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), a qual compreende o ser humano em potencialidades desenvolvidas através de processos de atualizações constantes, em que a(o) profissional envolvida(o) no encontro, irá trabalhar como facilitador(a) desses processos, entendendo a(o) cliente como protagonista (Carrenho, Tassinari & Pinto, 2010). Logo, valoriza-se uma caminhada acadêmica constituída no viver e tornar-se psicoterapeuta, no descobrir e redescobrir as potencialidades e possibilidades experienciadas na práxis estudantil/profissional. Para tanto, nesse processo de ampliação de conceitos e ferramentas metodológicas em estágio, o incômodo em realizar transcritos rígidos de atendimentos foi se tornando um constante estado de desconfortos na vivência enquanto psicoterapeuta-estagiária, lançando a tentativa de expressões autênticas dos encontros vividos, experienciando assim o uso da Versão de Sentido (VS). Neste viés, conceitualiza-se a VS como os sentidos imediatos experienciados pela(o) psicoterapeuta através do relato da(o) cliente, registrando a “fala expressiva imediata da pessoa atendida de um encontro recém terminado [...] um relato livre como uma reação viva” (Amatuzzi, 1996, p. 01). Dessa forma, a VS pode ser registrada em texto livre, para posterior utilização em supervisões de atendimentos clínicos como forma de entrar em contato com os sentidos experienciados no encontro, tendo a potencialidade de trazer ao presente (em fala e escrita) o vivido (Amatuzzi, 1996). Concomitante ao exposto, sinaliza-se sobre a importância desta escrita autêntica na facilitação dos processos de aproximação na relação entre cliente e psicoterapeuta, além de poder ser utilizada como ferramenta metodológica em processos de estágios acadêmicos, sinalizando a importância de produções em literatura sobre tal temática, em suma de psicoterapeutas-estagiárias. **Objetivo:** Portanto, objetifica-se com a escrita deste relato, descrever a utilização da Versão de Sentido como um instrumento prático em atuação, a partir das experiências em estágio clínico com ênfase na Abordagem Centrada na Pessoa. **Metodologia,** explica-se que este trabalho se trata de um relato de experiência em estágio no serviço de psicoterapia, realizado de forma presencial pela psicoterapeuta-estagiária, entre os meses de março e outubro de 2023, com agendamento prévio e duração média de 50 minutos. Os atendimentos ocorreram na Clínica-Escola de Psicologia do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (CEPSI-UNIFAMAZ), localizada no bairro do Reduto, na cidade de Belém, no estado do Pará. Das pessoas atendidas, estas possuíam perfil estabelecido pela CEPSI, sendo pessoas maiores de 18 anos,

que apresentavam vulnerabilidade econômica ou com renda familiar de até 03 salários mínimos. Estas realizavam o cadastro de atendimento via Formulário Eletrônico, para posterior contato da estagiária via telefone institucional, com agendamento para atendimento inicial de triagem. As pessoas que atendiam os requisitos do perfil de atendimento eram encaminhadas para plantão psicológico (este funcionava por demanda espontânea também), e eram posteriormente atendidas em psicoterapia após a presença nos 03 atendimentos de plantão ofertados a cada pessoa durante o semestre. Ao final de cada encontro de psicoterapia, eram elaborados registros em formato de transcrição, onde estes eram abordados em supervisão com docente/supervisora, em conjunto com grupo de discentes/psicoterapeutas(os)-estagiárias(os), também realizada semanalmente. Em consonância, apresenta-se que após alguns meses de estágio e supervisão, e com o aprofundamento do uso da Versão de Sentido, iniciou-se a utilização desta ferramenta como suporte metodológico, tanto para a compressão do experienciado pela psicoterapeuta-estagiária, quanto para a posterior construção das transcrições apresentadas a CEPSI, e em supervisão na discussão de casos. É viável ressaltar, que todos os atendimentos realizados se pautaram nos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa, fundamentada no facilitar dos processos experienciais de cada pessoa atendida, através das condições facilitadoras, tais como compreensão empática, sendo a busca pela aproximação da pessoa em atendimento, compreendendo-a a partir dela, para e com ela; consideração positiva e incondicional, que visa compreender a pessoa em sua totalidade, sem julgamentos ou pré-conceitos estabelecidos; e autenticidade, compreendida como uma postura congruente da(o) psicoterapeuta para com a pessoa em atendimento, na expressão de sentidos e sentimentos experienciados em relação terapêutica para com a(o) cliente (Carrenho, Tassinari & Pinto, 2010). No mais, salienta-se que as atividades realizadas correspondiam com o que prevê o Código de Ética da(o) Psicóloga(o), respeitando o sigilo na escuta psicológica, bem como a privacidade e identidade das pessoas atendidas, corroborando com a manutenção dos direitos sociais destas e contribuindo para a fomentação de uma Psicologia ética e humanizada (Brasil, 2019). **Resultados:** no que tange os resultados deste escrito, explica-se que através do exposto, pode-se observar que durante o processo psicoterapêutico centrado na pessoa, com o desenvolvimento da Versão de Sentido, houve um fortalecimento da relação psicoterapêutica, visto que, tal instrumento em aplicabilidade pode ancorar a compreensão da estagiária sobre o encontro e o próprio fazer durante o estágio. Para tanto, a utilização da VS demonstrou-se eficaz no aprimoramento da escuta atenta aos significados reais expressos em fala, bem como à palavra viva que “está sob a roupagem contingente do pensamento, sendo a efetuação desse pensamento” (Amatuzzi, 1990, p. 02). **Discussão:** Logo, ao ouvir atentamente a história que a(o) cliente trazia durante as sessões, sem preconceitos, o capturado era o sentido vivido naquela relação, demonstrando que precisamos estar atentas(os) aos significados em fala para não nos atentarmos apenas ao dito, recebendo para além de palavras, considerando a pessoa atendida por inteira em sua existência, atrelando-se assim a uma atuação Centrada na Pessoa. Ao municiar-se com o relato desenvolvido na VS, pode-se também experienciar sentimentos de confiança, pois esta pode subsidiar processos de facilitação em encontros posteriores psicoterápicos, coadunando com uma maior compreensão em fala da estagiária, ao relatar os casos durante as supervisões. Além disso, apresenta-se a VS como um instrumento fenomenológico, em que o autor Boris (2008), nos lembra que somos as melhores pessoas para descrevermos nossas experiências, considerando seus próprios fenômenos e sentidos. Neste viés, afirma-se que ao realizar a VS dos encontros psicoterapêuticos, foi permitido a psicoterapeuta-estagiária um contato maior com as vivências das pessoas atendidas, bem como de sua própria vivência, ampliando seu campo perceptual

em experiência de estágio e no reconhecimento de seus limites em prática, em que parafraseando as autoras Luczinski e Ancona-Lopez (2010), este resumo parte da compreensão de visão de mundo relacional, em que a psicoterapia tem a potencialidade de acolher os modos de ser e sentidos latentes em encontro, sinalizando uma relação construída entre pessoa atendida e pessoa facilitadora. Logo, neste contexto de relação, afirma-se que através da experiência pode-se vivenciar que a VS permite o contato com as esferas existenciais dos fenômenos vivenciados em relação de ajuda, considerando a humanidade das pessoas envolvidas. **Conclusão:** em conclusão apresenta-se sobre as limitações vividas, quanto ao tempo curto para aprofundamento da própria linha teórica da ACP em grande curricular acadêmica ofertada pela Instituição de Ensino Superior (IES), bem como para o uso de recursos como a Versão de Sentido, sendo necessário tecer uma prática inicial de aprofundamento teórico junto ao período de estágio, em um espaço de colaboração entre estagiárias/discentes e supervisora/docente, evidenciando um fazer colaborativo, facilitando assim os processos de atualização desta autora, contribuindo para o crescimento de uma psicoterapeuta iniciante. Afirma-se que através da experiência vivida, que ainda está em curso, evidencia-se que ao discutir e aprofundar o uso da VS, está se tornando uma ferramenta possível de utilização, na prática de estágio obrigatório supervisionado com ênfase em ACP, sendo um facilitador metodológico de ensino-aprendizagem, bem como suporte nos processos de psicoterapia para psicoterapeutas-estagiárias, contribuindo para um processo de formação acadêmica mais possível e congruente.

**Palavras-chave:** ACP; versão de sentido; clínica escola; psicoterapeuta-estagiária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amatuzzi, M. M. (1990). O QUE É OUVIR? *Estudos de psicologia*, 7(1-2), 86-97.

Amatuzzi, M. M. (1996). Uso da versão de sentido na formação e pesquisa em psicologia. *Repensando a formação do psicólogo: da informação à descoberta*.

Boris, G. D. J. B. (2008). Versões de sentido: um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. *Psicologia clínica*, 20, 165-180.

Brasil. Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2005). Código de ética profissional do psicólogo. (Brasília-DF).

Carrenho, E., Tassinari, M. & Pinto, M. (2010) Praticando a Abordagem Centrada na Pessoa—dúvidas e perguntas mais frequentes. *Carrenho Editorial* (São Paulo).

Luczinski, G. F., & Ancona-Lopez, M. (2010). A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 27, 75-82.

**RESUMOS SIMPLES**

**SIMPÓSIO AMAZÔNICO DA ABORDAGEM  
CENTRADA NA PESSOA**

## CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA A TERAPIA COMUNITÁRIA

**Ana Cristina Freire de Oliveira**

Universidade Federal do Pará

**Matheus Venicio da Silva Fontenele**

Universidade Federal do Pará

**Ana Caroline Oliveira Soares**

Universidade Federal do Pará

**Hian Soares Teixeira**

Universidade Federal do Pará

**Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo**

Universidade Federal do Pará

**Introdução:** fundamentada no pensamento sistêmico, na teoria da comunicação, na antropologia cultural e na pedagogia do oprimido, a terapia comunitária integrativa compreende que o macro-contexto socioeconômico provoca o adoecimento. Assim, propõe uma intervenção sistêmica, visando a inclusão social e a construção de redes de solidariedade para a promoção da saúde mental comunitária, utilizando a própria comunidade como agente terapêutico. Nessa direção, este estudo objetivou explicitar, teoricamente, as contribuições que o humanismo-fenomenológico, por meio do conceito de intersubjetividade, pode oferecer aos pressupostos da terapia comunitária. Em primeiro lugar, a terapia comunitária busca facilitar a ação, participação e reflexão da própria comunidade sobre suas vivências, enquanto que a fenomenologia é uma das correntes filosóficas que pode se articular epistemologicamente com essa proposta, pois se volta para a percepção da experiência, possibilitando a atribuição de sentido ao vivido. Em um contexto grupal, proporciona-se um espaço de acolhimento para que as vivências sejam compartilhadas e seus sentidos se ampliem, considerando os atravessamentos que afetam o grupo. Na Fenomenologia de Merleau-Ponty, podemos observar que a intersubjetividade é concebida dentro do domínio pré-reflexivo e é descrita a partir de uma série de vivências intencionais no domínio pré-lógico da experiência do Lebenswelt (mundo da vida). Além disso, evidenciamos as correlações entre a percepção relacional do corpo, do ambiente e dos outros, na fenomenologia, com a comunicação, autonomia e tomada de decisões coletivas apontadas pela terapia comunitária integrativa. Conclui-se que a leitura de Merleau-Ponty permite uma visão conjunta de mundo e da consciência perceptiva como inseparável do seu contexto sócio, histórico e cultural, portanto, mundana e ambígua, o que permite uma aproximação epistemológica com a compreensão de saúde mental da terapia comunitária integrativa e com o paradigma sistêmico.

**Palavras-chave:** Terapia Comunitária Integrativa; Fenomenologia; Merleau-Ponty; Intersubjetividade.

## **PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM SUPORTE HUMANISTA PARA A AUTONOMIA**

**Nicolle da Rocha Esteves Brandão**

Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Estado do Pará

**Ana Paula Monteiro Barros**

Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Estado do Pará

**Milena Moreira Nobre**

Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Estado do Pará

**Zakiee Castro Mufarrej Hage**

Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Estado do Pará

**Introdução:** o plantão psicológico é um tipo de atendimento que recebe o cliente no momento de sua necessidade, o qual caracteriza-se pela escuta e acolhimento imediato à pessoa que procura por ajuda profissional, sem necessidade de agendamento prévio. Além disso, o intuito do serviço é ofertar escuta empática e compreensiva a quem demandar por ela. Assim, este resumo tem como objetivo enfatizar a procura do serviço e o desenvolvimento da autonomia do cliente, sendo tal atendimento realizado por estudantes de psicologia de Belém (PA), em uma clínica-escola do estado. Este plantão se dá pela preocupação perante cenários de emergência e urgência psicológica e os desdobramentos na saúde mental da população, bem como a experiência do exercício prático de atendimento realizado por alunos supervisionados. Objetiva-se, assim, elucidar a importância do plantão psicológico como uma estratégia humanista que visa auxiliar o cliente a ter maior autonomia emocional. A metodologia consiste em um relato de experiência que visa o enfoque na prática clínica na intenção de promover uma melhor avaliação dos recursos emocionais disponíveis dentro dos limites do cliente, mas ampliando seu leque de possibilidades. Nesse viés, observou-se que durante as supervisões dos casos atendidos, foram discutidas e debatidas possibilidades terapêuticas fundamentadas em bases da abordagem centrada na pessoa (ACP) com enfoque na autonomia do cliente. Dessa forma, conclui-se que a finalidade do plantão psicológico não está relacionada à resolução de todas as queixas, mas a explorar o mundo de significados e significantes, a história, possibilidades e intervir na reflexão e busca de novas maneiras para lidar com as dificuldades do cliente, considerando sua autonomia e tomada de decisão. Ademais, tem-se a oportunidade de vivenciar experiências de atendimento contribuíram para o desenvolvimento profissional e pessoal de alunos em formação, para um maior arcabouço teórico e prático.

**Palavras-chave:** abordagem centrada na pessoa; autonomia; plantão psicológico.

## **RODA DE CONVERSA SOBRE SAÚDE MENTAL NO ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Ana Cristina Freire Oliveira**

Universidade Federal do Pará

**Hian Soares Teixeira**

Universidade Federal do Pará

**Matheus Venicio da Silva Fontenele**

Universidade Federal do Pará

**Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo**

Universidade Federal do Pará

**Introdução:** projetos de atenção à saúde mental no contexto da assistência estudantil são fundamentais para a permanência do estudante no ensino superior. Assim, objetivamos relatar, com base em diário de campo, uma roda de conversa sobre saúde mental realizada no centro acadêmico de pedagogia de uma universidade pública, parte da campanha do setembro amarelo, que visa a prevenção do suicídio. Inicialmente, realizou-se a apresentação do facilitador e a apresentação do grupo, seguido de uma atividade inspirada na sociometria psicodramática para conhecer o perfil do grupo, composto por 24 estudantes, com idades entre 18 e 62 anos, majoritariamente calouros e autodeclarados como negros. Em seguida, utilizou-se da pergunta disparadora "o que tira sua saúde mental na universidade?" para iniciar o debate e o compartilhamento de vivências. Destacaram-se como queixas: relações humanas no curso, marcadas pela competitividade; exigência e falta de empatia de docentes, que os consideram apenas como alunos, como se não trabalhassem ou tivessem filhos; realidade socioeconômica, marcada pela falta de rede de apoio na maternidade; sensação de insuficiência e julgamento pelos colegas; luto, ideação suicida e solidão. Durante o diálogo, foram expressos sentimentos de solidariedade, empatia, respeito e aceitação aos colegas. O facilitador apenas acompanhou a autonomia do grupo, intervindo apenas após relatos mais mobilizadores, sempre norteado pelas atitudes facilitadoras e pela resposta-reflexo. Ao fim do horário estipulado, o facilitador fez algumas considerações sobre empatia e aceitação para concluir o raciocínio de uma participante e encerrou informando sobre o acesso a serviços de saúde mental na universidade. Conclui-se que o clima de relações humanas interfere diretamente na saúde mental dos estudantes e que a organização discente é fundamental para propor soluções de intervenções.

**Palavras-chave:** Saúde Mental; Assistência Estudantil; Ensino Superior; Abordagem Centrada na Pessoa.

## ANÁLISE DE CASOS CLÍNICOS EM PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA

**Ana Caroline Oliveira Soares**

Universidade Federal do Pará

**Hian Soares Teixeira**

Universidade Federal do Pará

**Carolina da Natividade Rodrigues Correa**

Universidade Federal do Pará

**Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo**

Universidade Federal do Pará

**Introdução:** o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que permite a compreensão profunda do objeto de estudo; que pode testar ou construir hipóteses e que possibilita o desenvolvimento do sistema teórico utilizado. Para a construção de casos clínicos em psicologia, deve-se considerar a complexidade do fenômeno estudado para evitar interpretações reducionistas. Neste sentido, por meio da pesquisa bibliográfica, objetivou-se descrever a elaboração de casos clínicos em psicoterapia centrada na pessoa publicados em periódicos nacionais. Ao se pesquisar com descritores amplos nas plataformas e repositórios especializados em psicologia, apenas um artigo foi encontrado, entretanto, por conveniência, a amostra foi acrescida de outros quatro, cuja busca sistemática não encontrou ou que foram publicados em revistas não indexadas nesses bancos de dados. Três estudos utilizaram triangulação metodológica, um deles utilizou métodos quantitativos e qualitativos, respectivamente, o uso de escalas e o uso de versões de sentido. Além deste, outros dois mencionam o uso de testes psicológicos como ferramenta complementar ou prévia ao processo psicoterápico, entretanto não expõem e nem analisam esses dados. Apenas dois utilizaram a metodologia de versões de sentido. Nenhum deles cita pareceres de comitês de ética. Os artigos discutem e analisam elementos para a compreensão do caso clínico, como o histórico clínico e dados do cliente; a organização do self; efeitos do processo psicoterápico, como mudanças na percepção de si e a integração de novas experiências; e as intervenções do terapeuta, como a escuta, as atitudes facilitadoras e o vínculo terapêutico. Também se destacam o uso de recursos expressivos em psicoterapia e a utilização da escala do processo. Conclui-se que o estudo de caso permite compreender o processo psicoterápico em profundidade; que as pesquisas em questão que possuem uma base fenomenológica não utilizaram o método fenomenológico em sua análise; que a dispersão de palavras-chave dificultou a busca dos artigos e que há pouca produção de estudos de caso na psicoterapia centrada na pessoa.

**Palavras-chave:** Abordagem Centrada na Pessoa; Terapia Centrada no Cliente; Estudo de Caso; Metodologia Científica.

## **AS CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL**

**Naeli do Nascimento Rocha da Luz**

Universidade Federal do Pará

**Matheus Venicio da Silva Fontenele**

Universidade Federal do Pará

**José Alves de Souza Filho**

Universidade Federal do Pará

**Introdução:** a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) tem como fundamentos a facilitação do crescimento e da autonomia pessoal, pela crença no potencial humano para se desenvolver. Para tanto, adota-se posturas essenciais em uma relação de ajuda, sendo a Aceitação Positiva Incondicional, a Congruência e a Considerações Empáticas as principais. A partir dessas condições, promove-se um ambiente terapêutico eficaz e transformador para o indivíduo em sofrimento. O Conselho Federal de Psicologia coloca que as contribuições para a Saúde Mental se dão pela aplicação dos conhecimentos e técnicas psicológicas para cuidados individuais e coletivos de saúde e doença. Esse trabalho objetiva discutir a pertinência da ACP no cuidado em saúde mental. Foi realizado um estudo teórico-bibliográfico discutindo as obras “Tornar-se Pessoa” (1961) de Carl Rogers, e “Psicoterapia e Relações Humanas” (1977) de Marian Kinget e Carl Rogers. Como resultado, tem-se que as propostas da ACP nas obras oferecem subsídio para o cuidado em saúde mental, pois suas aplicações se voltam para as relações humanas, transcendendo a psicoterapia, podendo ser aplicadas em outras áreas relacionadas ao cuidado em saúde mental. A partir da construção de um espaço caloroso, acolhedor, respeitoso e colaborativo dentro da relação de ajuda, promove-se a simbolização da experiência do indivíduo em sofrimento mental, empoderando-o para que este possa reconhecer e construir recursos de enfrentamento. Este indivíduo, quando em contato com esse ambiente acolhedor, passa a valorizar seus sentimentos, percepções e crenças e construir um funcionamento pleno consigo e com o mundo. Portanto, nota-se que a ACP assume relevância como uma teoria acessível e aplicável no cuidado da saúde mental, indo além do âmbito da psicoterapia, por tratar das relações humanas. Sendo assim, a incorporação da ACP nas práticas de cuidado em saúde mental traz resultados significativos para aqueles envolvidos dentro da relação de cuidado e atenção à saúde mental.

**Palavras-chave:** Abordagem Centrada na Pessoa; Relações Humanas ;Saúde mental; Cuidado ampliado.

## **PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Daniel Castro Silva**

Escola Superior Madre Celeste

**Bruna Moraes Leite**

Universidade Federal do Pará

**Hian Soares Teixeira**

Universidade Federal do Pará

**José Alves de Souza Filho**

Universidade Federal do Pará

**Introdução:** comunidades ribeirinhas possuem um modelo sociocultural próprio de ocupação do espaço ao longo dos rios e usam os recursos naturais para sua subsistência, sem a degradação do meio-ambiente, utilizando mão de obra familiar e tecnologias derivadas de conhecimentos tradicionais. Entretanto, esses territórios encontram-se à margem do Poder Público e enfrentam desafios para a efetivação de seus direitos, como o direito à saúde. Para atuar de forma sensível e ética nesses contextos, a(o) psicóloga(o) deve deslocar seu fazer instrumental e tecnicista centrado no indivíduo para ações que contemplem experiências coletivas e singularidades do cotidiano destas comunidades, aproximando-se de sua subjetivação e de suas narrativas do sagrado e da ancestralidade. Dessa forma, objetivamos relatar a experiência de uma equipe de psicologia em uma ação filantrópica realizada em uma comunidade ribeirinha paraense. Os estagiários de psicologia colaboraram na triagem, em grupos recreativos para crianças e ofertaram atendimentos de plantão psicológico, orientados pela abordagem centrada na pessoa. Durante o processo de triagem, houve uma certa curiosidade sobre o plantão, mas foram realizados apenas três atendimentos, percebemos o receio com homens estranhos e a resistência ao se falar em psicologia devido estigmas sociais, que ocasionaram piadas pejorativas, como “não sou doido”. Os atendimentos em si trataram de conflitos familiares e um atendimento infantil tratou de agressividade, porém era uma demanda da mãe, não da criança. Os plantonistas relataram o contraste social com sua realidade, como o casamento e a maternidade “precoces”. Concluímos que são necessárias ações de educação em saúde para desmistificar o papel da psicologia, assim como que o plantão não pode ser uma intervenção isolada, pois necessita-se da criação de vínculos prévios com a comunidade para tornar-lo de fato uma clínica ampliada em que se empodere a população na gestão de sua saúde e de seus recursos.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico; Comunidade Ribeirinha; Povos Tradicionais; Abordagem Centrada na Pessoa.

## PLANTÃO PSICOLÓGICO E QUEIXAS DE RELACIONAMENTOS AMOROSOS

**Matheus Venicio da Silva Fontenele**

Universidade Federal do Pará

**Hian Soares Teixeira**

Universidade Federal do Pará

**Naeli do Nascimento Rocha da Luz**

Universidade Federal do Pará

**Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo**

Universidade Federal do Pará

**Introdução:** a Abordagem Centrada na Pessoa defende a necessidade que o ser humano tem de amar de forma livre e autêntica. Empiricamente, percebe-se que a busca por relações autênticas se encontra dificultada pelos processos de socialização contemporâneos onde impera a fluidez, competitividade e inautenticidade, o que pode limitar o homem devido aos condicionamentos sócio-institucionais. Tais empecilhos impedem a pessoa de desenvolver todas as suas potencialidades, o que lhe causa sofrimento. Desta forma, o plantão psicológico (PP) se apresenta como possibilidade de acolhimento a esse sofrimento ao se caracterizar como um serviço no qual psicólogos ficam disponíveis para acolher a todos que necessitem no momento (quase) exato de sua demanda. Proporciona ao cliente um ambiente acolhedor para que ele possa expressar sua queixa e gera uma apropriação de seus recursos e limites. Uma das queixas que levam as pessoas a procurarem o serviço do PP na atualidade é o sofrimento ligado às relações amorosas. Este trabalho busca descrever as queixas relacionadas a esta temática atendidas pelo serviço de plantão psicológico vinculado à Universidade Federal do Pará no mês de março de 2023. Utilizou-se como instrumento de coleta a versão de sentido (VS) de cada atendimento. Como método de seleção de dados: 1) realizou-se uma leitura breve das VS de todos os atendimentos realizados em março, totalizando 29; 2) selecionou-se as VS's que continham queixas ligadas a relacionamentos amorosos: 4 atenderam a este critério. Observou-se como características comuns das 4 queixas: busca por afeto ocasiona passividade/missividade por medo de perder o parceiro, gerando sofrimento que se manifesta na forma de somatizações; medo extremo de perder o parceiro por não se achar interessante, gerando ciúme excessivo do parceiro. Constata-se que a necessidade do amor como descrita em Rogers não foi totalmente satisfeita como relatado na relação terapêutica. O que vem lhes gerando sofrimento.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico; Relacionamentos Amorosos, Abordagem Centrada na Pessoa.

## CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA A SUPERVISÃO NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

**Matheus Venicio da Silva Fontenele**

Universidade Federal do Pará

**Hian Soares Teixeira**

Universidade Federal do Pará

**José Alves de Souza Filho**

Universidade Federal do Pará

**Introdução:** na Abordagem Centrada na Pessoa, a supervisão é compreendida como relevante para a aprendizagem significativa na formação do psicólogo. Trata-se de facilitar a descoberta do terapeuta de sua forma própria de ser terapeuta. Esse estudo teve como objetivo comparar a supervisão centrada na pessoa com a proposta de supervisão humanista-fenomenológica, de forma a identificar as contribuições da fenomenologia para essa prática. Na primeira, a supervisão tem como objetivo proporcionar uma atmosfera relacional que facilite a reflexão sobre a situação psicoterapêutica. Desta forma, o papel do supervisor é facilitar a compreensão teórica, técnica e experiencial do próprio psicoterapeuta sobre si e seu cliente, estruturando-se sobre um eixo didático e outro experiencial. Assim, pode-se intervir na relação terapeuta-cliente didaticamente acerca da atuação do supervisionando ao focalizar sua intervenção e sua compreensão teórica ou pode-se intervir experiencialmente ao focalizar as emoções e sensações. Na clínica humanista fenomenológica, a supervisão clínica pode ser compreendida como a articulação entre o que o terapeuta sabe teoricamente e conheceu de seu cliente e o que ele experimentou na relação terapêutica. Cabe ao supervisor facilitar essa articulação entre teoria e experiência e seu foco, em uma perspectiva fenomenológica, é a relação intersubjetiva da tríade supervisor-terapeuta-cliente, não o caso clínico em si. Tem como metodologia fundamental a descrição da experiência, que pode ser exercida por meio da versão de sentido, produção escrita logo após a sessão que registra a experiência do terapeuta e as vivências compartilhadas com o cliente, fazendo emergir a intersubjetividade. Recomenda-se que seja realizada em grupo e que, nessa relação, mantenham-se as atitudes facilitadoras. Conclui-se que, além de um sistema teórico próprio, a fenomenologia contribui principalmente de forma metodológica para a supervisão, por meio do uso da versão de sentido, e ampliando a compreensão do papel do supervisor, cuja intersubjetividade é colocada em evidência.

**Palavras-chave:** Formação do Psicólogo; Supervisão Clínica; Psicoterapia; Abordagem Centrada na Pessoa; Versão de Sentido.

## ESCUA DE ADOLESCENTES NA PRÁTICA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Beatriz Vitória Leite Santos**

Universidade da Amazônia – Unama

**Rosivane Pompeu Gonçalves Araújo**

Universidade da Amazônia – Unama

**Elizabeth Cristina Monteiro Ribeiro**

Universidade da Amazônia – Unama

**Introdução:** o Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento que surgiu a partir dos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa, ele oferece atendimentos às demandas de urgência e emergência psicológicas. O plantonista oferece uma escuta ativa, empática e acolhedora diante da angústia frequentemente trazida; é um serviço que recebe pessoas de diferentes faixas etárias, incluindo adolescentes. **Objetivo:** Descrever a experiência de duas plantonistas, considerando a escuta de adolescentes uma prática de destaque na contemporaneidade, visando a sua reflexão e ampliação. **Metodologia:** O resumo foi elaborado a partir da nossa experiência no Plantão Psicológico da Universidade da Amazônia, no primeiro semestre de 2023. **Discussão:** Realizamos atendimentos a adolescentes de 12 a 16 anos, inicialmente, escutamos os responsáveis que os acompanhavam, para captar suas percepções sobre as narrativas. Então, recebemos os adolescentes, mostrando que ali era um espaço no qual poderiam se sentir à vontade para falar daquilo que lhes afligia. Percebemos que muitos trouxeram a ansiedade, ligada a exigências acadêmicas, familiares, e conflitos relacionais com seus pares. Diante disso, oferecemos uma escuta ativa para auxiliá-los a identificar aquilo de mais urgente, evitando julgamentos, realizamos intervenções a partir de respostas-reflexo e atitudes que possibilitaram a autonomia diante das demandas trazidas. Realizamos encaminhamentos, principalmente, para espaços que oferecessem psicoterapia. **Considerações finais:** Diante das demandas no atendimento com adolescentes, concluímos que, através do acolhimento e da escuta qualificada, o PP oferece suporte para que o adolescente amplie a consciência de si em momentos de crise ou conflito, auxiliando no reconhecimento de diferentes recursos para lidar com suas demandas.

**Palavras-chave:** Plantão psicológico; Abordagem Centrada na Pessoa; Adolescentes.

## **AValiação E CLASSIFICAÇÃO DE RISCO NO PLANTÃO PSICOLÓGICO**

**Daniel Castro Silva**

Escola Superior Madre Celeste

**Hian Soares Teixeira**

Universidade Federal do Pará

**Patrícia do Socorro Magalhães Franco do Espírito Santo**

Universidade Federal do Pará

**Introdução:** a psicologia clínica surge no contexto de avaliação psicológica e de psicodiagnóstico, associada quase que exclusivamente à psicoterapia, entretanto, é ampliada com a inserção dos psicólogos nas políticas públicas. Dentre as práticas emergentes que nasceram desse contato, está o plantão psicológico, que oferece um atendimento único, sem duração pré-determinada, que constitui alternativa para o acolhimento às urgências psicológicas e para a promoção de saúde, pois pode funcionar como uma porta de entrada para outros serviços de saúde e assistência social. Nesse texto, objetivamos relatar a experiência do plantão psicológico na assistência estudantil de uma universidade pública, onde foi necessário realizar encaminhamentos para outros serviços, internos e externos, à universidade. Utilizou-se a avaliação e classificação de risco como recurso para sistematizar esse processo. Inicialmente, inspirou-se na classificação de risco do fluxo de urgências e emergências do Sistema Único de Saúde, que propõe a seguinte identificação: azul (não urgente), verde (pouco urgente), amarelo (urgente), laranja (muito urgente) e vermelho (emergência), sua avaliação é realizada no acolhimento inicial. No plantão, adotamos as cores verde, amarelo e vermelho, que, respectivamente indicam: resolução no próprio atendimento ou necessidade de acompanhamento psicológico não urgente; necessidade de acompanhamento psicológico ou psicossocial; e necessidade de atendimento psicológico ou psiquiátrico imediato, com possível risco de vida. Adotou-se a avaliação de risco para suicídio como critério fundamental de nossa avaliação. Concluímos que a classificação de risco permite uma maior organização do fluxo de encaminhamentos, porém destacamos que sua avaliação não deve ser realizada com finalidade diagnóstica ou estigmatizante, mas sim de forma compreensiva e interventiva, afinal deve ser realizada conjuntamente com o cliente, guiada pela compreensão empática e pela compreensão de seu mundo vivido.

**Palavras-chave:** Plantão Psicológico; Avaliação de Risco; Classificação de Risco; Urgência Psicológica; Abordagem Centrada na Pessoa.

ISBN 978-655376334-0



9

786553

763340